

Capítulo 25
A JUSTIÇA DE DEUS
Introdução

T-25.In.1. O Cristo em ti não habita em um corpo. 2 Entretanto, Ele está em ti. 3 E conseqüentemente não podes estar dentro de um corpo. 4 O que está dentro de ti não pode estar fora. 5 E é certo que não podes estar à parte do que está bem no centro da tua vida. 6 O que te dá vida não pode estar abrigado na morte. 7 E tu também não podes. 8 Cristo está dentro de uma moldura de santidade cujo único propósito é que Ele possa se tornar manifesto para aqueles que não O conhecem, que Ele os possa chamar para que venham a Ele e o vejam ali onde imaginavam que estivessem os seus corpos. 9 Então, os seus corpos desaparecerão para que eles possam emoldurar a Sua santidade em si mesmos.

T-25.In.2. Ninguém que carregue Cristo em si mesmo pode deixar de reconhecê-Lo em toda parte. 2 Exceto nos corpos. 3 E enquanto a pessoa acredita que está em um corpo, onde pensa que está, Ele não pode estar. 4 E assim O carrega sem saber e não O torna manifesto. 5 E assim não O reconhece onde Ele está. 6 O filho do homem não é o Cristo ressurgido. 7 Entretanto, o Filho de Deus habita exatamente onde ele está e caminha com ele dentro da sua santidade, tão visível quanto o seu especialismo que se demonstra dentro do seu corpo.

T-25.In.3. O corpo não necessita de cura. 2 Mas a mente que pensa ser um corpo está, de fato, doente! 3 E é aqui que Cristo demonstra o remédio. 4 O Seu propósito envolve o corpo em Sua luz e o preenche com a santidade que se irradia a partir Dele. 5 E nada do que o corpo diz ou faz deixa de manifestá-Lo. 6 Para aqueles que não O conhecem, o corpo O leva com gentileza e amor para curar as suas mentes. 7 Tal é a missão que o teu irmão tem para ti. 8 E tal tem que ser a tua missão para com ele.

T-25.I. O elo com a verdade

T-25.I.1. Não pode ser difícil realizar a tarefa que Cristo designou para ti, pois Quem a realiza é Ele. 2 E ao realizá-lo aprenderás que o corpo meramente parece ser o meio de realizá-la. 3 Pois a Mente é a Sua. 4 E, portanto, tem que ser a tua. 5 A Sua santidade dirige o corpo através da mente una com Ele. 6 E tu te manifestas para o teu irmão santo, assim como ele para ti. 7 Aqui está o encontro do santo Cristo Consigo Mesmo; não há diferenças a serem percebidas entre os aspectos da Sua santidade, que se encontram, se unem e O erguem até Seu Pai, íntegro e puro e digno do Seu Amor eterno.

T-25.I.2. Como podes manifestar o Cristo em ti exceto olhando para a santidade e vendo-O lá? 2 A percepção te diz que tu te manifestas no que vês. 3 Olha para o corpo e irás acreditar que estás nele. 4 E todo corpo que olhas te lembra de ti mesmo: o teu pecado, o teu mal e, acima de tudo, a tua morte. 5 E, acaso, não desprezarias aquele que te diz isso, e não irias buscar a sua morte em vez da tua? 6 A mensagem e o mensageiro são um só. 7 E tens que ver o teu irmão como a ti mesmo. 8 Emoldurado no seu corpo, verás o teu pecado, no qual estás condenado. 8 Estabelecido na sua santidade, o Cristo nele proclama que Ele é como tu.

T-25.I.3. A percepção é uma escolha do que queres ser, o mundo no qual queres viver e o estado no qual pensas que a tua mente estará contente e satisfeita. 2 Ela escolhe onde pensas que está a tua segurança de acordo com a tua decisão. 3 Ela te revela a ti mesmo como gostarias de ser. 4 E ela é sempre fiel ao teu propósito, do qual nunca se separa e nunca testemunha coisa alguma, por mais vagamente que seja, que o propósito na tua mente não sustente. 5 A percepção é uma parte daquilo que é o teu propósito contemplar, pois os meios e o fim nunca são separados. 6 E assim aprendes que aquilo que parece ter uma vida à parte, não tem nenhuma.

T-25.I.4. Tu és o meio para Deus; não separado, não com uma vida à parte da Sua. 2 A Sua vida está manifestada em ti que és o Seu Filho. 3 Cada aspecto de Si Mesmo está emoldurado em santidade e pureza perfeita, em amor tão celestial e tão completo que só deseja poder liberar tudo aquilo que contempla para si mesmo. 4 A sua radiância brilha através de cada corpo para o qual ele olha e limpa toda a escuridão que está nele transformando-a em luz, simplesmente olhando para o que está depois da escuridão, para a luz. 5 O véu é erguido através da sua gentileza e nada esconde a face de Cristo de quem a contempla. 6 Tu e o teu irmão estão diante Dele agora, para permitir que Ele ponha de lado o véu que parece mantê-los separados e à parte.

T-25.I.5. Já que tu acreditas que estás separado, o Céu se apresenta a ti como se fosse separado também. 2 Não que ele o seja na verdade, mas para que o elo que te foi dado para unir-te à verdade possa chegar a ti através de algo que compreendes. 3 Pai, Filho e Espírito Santo são como Um só, assim como todos os teus irmãos se unem como um na verdade. 4 Cristo e Seu Pai nunca foram separados e Cristo habita dentro da tua compreensão, na parte de ti que compartilha a Vontade do Seu Pai. 5 O Espírito Santo liga a outra parte – o diminuto, louco desejo de ser separado, diferente e especial – com o Cristo, para fazer com que a unificação fique clara para o que é realmente um. 6 Nesse mundo, isso não é compreendido, mas pode ser ensinado.

T-25.I.6. O Espírito Santo serve ao propósito de Cristo em tua mente, de modo que o objetivo do especialismo possa ser corrigido onde está o erro. 2 Como o Seu propósito é ainda uno com ambos, o Pai e o Filho, Ele conhece a Vontade de Deus e o que é realmente a tua vontade. 3 Mas isso é compreendido pela mente que se percebe una, ciente de que é una e assim vivenciada. 4 É função do Espírito Santo ensinar-te como é vivenciada essa unificação, o que tens que fazer para que ela seja vivenciada e aonde deves ir para fazer isso.

T-25.I.7. Tudo isso leva em consideração o tempo e o espaço como se fossem distintos, pois enquanto pensas que parte de ti é separada, o conceito de uma unicidade unida como um só não tem significado. 2 Está claro que uma mente tão dividida nunca poderia ser o professor de uma Unicidade Que une todas as coisas dentro de Si Mesma. 3 E assim, O Que está dentro dessa mente e, de fato, une todas as coisas tem que ser o seu Professor. 4 No entanto, Ele tem que usar uma linguagem que essa mente possa compreender, na condição na qual ela pensa que está. 5 E Ele tem que usar todo o aprendizado para transferir ilusões à verdade, tomando todas as idéias falsas quanto ao que tu és e conduzindo-te para além delas, para a verdade que está além das ilusões. 6 Tudo isso pode ser muito simplesmente reduzido ao seguinte:

7 O que é o mesmo não pode ser diferente, e o que é uno não pode ter partes separadas.

T-25.II. Aquele que te salva das trevas

T-25.II.1. Não é evidente que aquilo que os olhos do corpo percebem te enche de medo? 2 Talvez penses que lá achas uma esperança de satisfação. 3 Talvez tenhas fantasias de atingir alguma paz e satisfação no mundo conforme o percebes. 4 Entretanto, tem que ser evidente que o resultado não muda. 5 Apesar das tuas esperanças e fantasias, sempre resulta o desespero. 6 E não há exceção, nem nunca haverá. 7 O único valor que o passado pode ter é aprenderes que ele não te deu nenhuma recompensa que gostarias de manter. 8 Pois só assim estarás disposto a abandoná-lo e a deixar que ele desapareça para sempre.

T-25.II.2. Não é estranho que ainda alimentes alguma esperança de satisfação proveniente do mundo que vês? 2 Em todos os aspectos, em qualquer momento, em qualquer lugar, nada além da culpa e do medo têm sido a tua recompensa. 3 Quanto tempo precisas para te dar conta de que a chance de alguma mudança nesse aspecto dificilmente vale o adiamento da mudança que poderia resultar em um final melhor? 4 Pois uma coisa é certa: o modo como tu vês, e vês há muito tempo, não oferece nenhum ponto de apoio no qual possas basear as tuas esperanças futuras e nenhuma sugestão que tenha qualquer sucesso. 5 Colocar as tuas esperanças onde não há esperança tem que fazer com que sejas sem esperança. 6 No entanto, esse estado de desesperança é a tua escolha, enquanto buscas esperança onde nunca é possível achá-la.

T-25.II.3. Não é verdade, também, que achaste uma esperança à parte disso, um cintilar – inconstante, vacilante, mas ainda assim vagamente visto – de que a esperança é garantida em bases que não estão nesse mundo? 2 No entanto, o teu desejo de que elas possam ainda estar aqui, ainda te impede de desistir da tarefa sem esperança e sem recompensa que tu te colocaste. 3 Pode fazer sentido manter uma crença fixa em que existe algum motivo para se continuar a perseguir o que sempre fracassou, com a justificativa que de repente essa coisa será bem-sucedida e trará o que nunca trouxe antes?

T-25.II.4. Esse passado fracassou. 2 Fica contente por ele ter desaparecido da tua mente e já não obscurece o que lá está. 3 Não tomes a forma pelo conteúdo, pois a forma não passa de um meio para o conteúdo. 4 E a moldura não passa de um meio para manter o quadro erguido, de modo que possa ser visto. 5 Uma moldura que esconda o quadro não tem propósito. 6 Não pode ser uma moldura se é ela que vês. 7 Sem o quadro, a moldura é sem significado. 8 Seu propósito é mostrar o quadro e não a si mesma.

T-25.II.5. Quem pendura uma moldura vazia em uma parede e se põe diante dela em profunda reverência como se uma obra-prima estivesse lá para ser vista? 2 Entretanto, se vês o teu irmão como um corpo, é apenas isso o que fazes. 3 A obra-prima que Deus colocou nesta moldura é tudo o que há para ser visto. 4 O corpo a mantém por algum tempo, sem obscurecê-la de forma alguma. 5 Apesar disso, o que Deus criou não necessita de moldura alguma, pois o que Ele criou, Ele sustenta e emoldura dentro de Si Mesmo. 6 A Sua obra-prima, Ele te oferece para que vejas. 7 E preferes olhar a moldura ao invés dela? 8 E absolutamente nada ver do quadro?

T-25.II.6. O Espírito Santo é a moldura que Deus colocou em torno da parte Dele que queres ver como separada. 2 No entanto, sua moldura está ligada ao seu Criador, una com Ele e com Sua obra-prima. 3 Esse é o seu propósito e tu não fazes da moldura o quadro quando escolhes vê-la em seu lugar. 4 A moldura que Deus deu a ele apenas serve ao Seu propósito, não ao teu à parte do Seu. 5 É o teu propósito separado que obscurece o quadro e valoriza a moldura ao invés dele. 6 Entretanto, Deus colocou a Sua obra-prima dentro de uma moldura que durará para sempre, quando a tua já tiver se desmoronado no pó. 7 Mas não penses que o quadro é destruído de forma alguma. 8 O que Deus cria está a salvo de toda corrupção, imutável e perfeito na eternidade.

T-25.II.7. Aceita a moldura de Deus no lugar da tua e verás a obra-prima. 2 Olha a sua beleza e compreende a Mente que a pensou, não em carne e ossos, mas em uma moldura tão bela quanto Ela Mesma. 3 Sua santidade ilumina a impecabilidade que a moldura das trevas esconde e lança um véu de luz sobre a face do quadro que apenas reflete a luz que brilha a partir dele até seu Criador. 4 Não penses que essa face foi alguma vez obscurecida pelo fato de a teres visto em uma moldura de morte. 5 Deus a manteve a salvo para que pudesses olhá-la e ver a santidade que Ele deu a ela.

T-25.II.8. Dentro da escuridão, vê o salvador que salva das trevas e compreende o teu irmão assim como a Mente do seu Pai o revela a ti. 2 Ele dará um passo à frente saindo das trevas quando tu o olhares e não mais verás a escuridão. 3 As trevas não o tocaram e nem a ti, que o trouxeste para fora, para que pudesses olhar para ele. 4 A sua impecabilidade apenas retrata a tua. 5 A sua gentileza vem a ser a tua força e vós alegremente olhareis para dentro e vereis a santidade que tem que estar presente devido ao que contemplaste nele. 6 Ele é a moldura na qual foi colocada a tua santidade e o que Deus deu a ele tem que ser dado a ti. 7 Por mais que ele ignore a obra-prima dentro de si mesmo e veja apenas a moldura das trevas, ainda assim a tua única função é contemplar nele o que ele não vê. 8 E nesse modo de ver a visão que olha para Cristo, em vez de ver a morte, é compartilhada.

T-25.II.9. Como poderia o Senhor do Céu não ficar contente por apreciares a Sua obra-prima? 2 Que poderia Ele fazer senão agradecer a ti que amas o Seu Filho como Ele o ama? 3 Não iria Ele tornar conhecido o Seu Amor por ti se tu não fazes outra coisa senão compartilhar o Seu louvor ao que Ele ama? 4 Deus aprecia a criação como Pai perfeito que é. 5 E assim a Sua alegria se torna completa quando qualquer parte Dele se une ao Seu louvor para compartilhar a Sua alegria. 6 Esse irmão é a Sua dádiva perfeita para ti. 7 E Ele fica contente e agradecido quando tu agradeces ao Seu Filho perfeito por ser o que é. 8 E todos os Seus agradecimentos e toda a Sua alegria brilham sobre ti que queres completar a Sua alegria junto com Ele. 9 E assim se completa a tua. 10 Nenhum raio de escuridão pode ser visto por aqueles que querem fazer com que a alegria de seu Pai seja completa e a deles junto com a Sua. 11 A gratidão do próprio Deus é livremente oferecida a todos os que compartilham o Seu propósito. 12 Não é Vontade de Deus estar só. 13 E nem é a tua.

T-25.II.10. Perdoa o teu irmão e não poderás separar-te dele, nem do seu Pai. 2 Tu não precisas de perdão, pois os que são totalmente puros nunca pecaram. 3 Dá, então, o que Ele tem dado a ti para que possas ver o Seu Filho como um só e agradece ao seu Pai como o Pai te agradece. 4 Nem acredites que todo o Seu louvor não te é dado. 5 Pois o que dás é Seu e dando-o, aprendes a compreender a Sua dádiva a ti. 6 E dá ao Espírito Santo o que Ele oferece igualmente ao Pai e ao Filho. 7 Nada tem poder sobre ti exceto a Sua Vontade e a tua, que apenas estendes a Sua Vontade. 8 Foi para isso que foste criado e o teu irmão contigo, sendo um contigo.

T-25.II.11. Tu e o teu irmão sois o mesmo assim como o próprio Deus é Um e não está dividido em Sua Vontade. 2 E vós não podeis deixar de ter um só propósito, já que Ele deu o mesmo propósito a ambos. 3 A Sua Vontade se unifica à medida que vós vos unis em vontade, para que sejas completado oferecendo completeza ao teu irmão. 4 Não vejas nele o pecado que ele vê, mas dá a ele a honra para que possas estimar a ti mesmo e a ele. 5 A ti e ao teu irmão é dado o poder da salvação, para que o escape da escuridão para a luz seja vosso para

ser compartilhado, para que possais ver como um só o que nunca foi separado nem esteve à parte de todo o Amor de Deus que é dado igualmente a ambos.

T-25.III. Percepção e escolha

T-25.III.1. Na medida em que valorizas a culpa, nessa medida irás perceber um mundo no qual o ataque é justificado. 2 Na medida em que reconheces que a culpa é sem significado, nesta medida perceberás que o ataque não pode ser justificado. 3 Isso está de acordo com a lei fundamental da percepção: vês o que acreditas que esteja presente e acreditas que está porque queres que esteja. 4 A percepção não tem outra lei senão essa. 5 O resto simplesmente emana dessa lei para mantê-la e sustentá-la. 6 Essa é a forma da percepção, adaptada a esse mundo, da lei mais básica de Deus: o amor cria a si mesmo e a nada além de si mesmo.

T-25.III.2. As leis de Deus não prevalecem diretamente em um mundo no qual a percepção domina, pois tal mundo não poderia ter sido criado pela Mente para a qual a percepção não tem significado. 2 Entretanto, as Suas leis refletem-se em toda parte. 3 Não que o mundo onde esse reflexo está seja, de fato, real. 4 Mas apenas porque o Seu Filho acredita que ele seja real e Ele não poderia separar-Se inteiramente da crença de Seu Filho. 5 Ele não poderia entrar na insanidade de Seu Filho com ele, mas podia ter a certeza de que a Sua sanidade foi com ele de modo que ele não ficasse perdido para sempre na loucura do seu desejo.

T-25.III.3. A percepção se baseia na escolha; o conhecimento não. 2 O conhecimento tem apenas uma lei porque tem apenas um Criador. 3 Mas esse mundo foi feito por dois e eles não o vêem do mesmo modo. Para cada um, ele tem um propósito diferente e para cada um ele é um meio perfeito para servir à meta em função da qual é percebido. 4 Para o especialismo, ele é a moldura perfeita para realçá-lo, o campo de batalha perfeito para pagar o preço das suas guerras, o abrigo perfeito para ilusões que ele quer fazer com que sejam reais. 5 Nem uma única deixa de ser mantida em sua percepção, nem uma só deixa de ser completamente justificada.

T-25.III.4. Há um outro Fazedor do mundo, Aquele Que simultaneamente corrige a crença louca em que alguma coisa possa ser estabelecida e mantida sem algum elo que a retenha dentro das leis de Deus; não como a lei em si mesma mantém o universo como Deus criou, mas de alguma forma adaptada à necessidade que o Filho de Deus acredita que tem. 2 O erro corrigido é o fim do erro. 3 E assim Deus protegeu Seu Filho mesmo no erro.

T-25.III.5. Há um outro propósito no mundo feito pelo erro, porque ele tem outro Fazedor, Que é capaz de conciliar a sua meta com o propósito do Seu Criador. 2 Em Sua percepção do mundo, nada do que é visto deixa de justificar o perdão e tudo o que se vê através da perfeita impecabilidade. 3 Nada surge que não encontre imediatamente o perdão completo. 4 Nada permanece, nem por um instante, que seja capaz de obscurecer a impecabilidade que bilha imutável, além das lamentáveis tentativas do especialismo de apagá-la da mente, onde ela tem que estar para iluminar o corpo em lugar dele. 5 As lâmpadas do céu não estão à disposição da mente para serem vistas onde ela quiser. 6 Se a mente escolhe vê-las em outra parte que não seja o seu próprio lar, como iluminassem um local onde não poderiam jamais estar, então o Fazedor do mundo tem que corrigir o teu erro para que não permaneças na escuridão onde as lâmpadas não estão.

T-25.III.6. Cada um aqui entrou na escuridão, no entanto, ninguém entrou sozinho. 2 Nem precisa ficar mais do que um instante. 3 Pois veio com a Ajuda do Céu dentro de si, pronta para conduzi-lo para fora da escuridão rumo à luz a qualquer momento. 4 O momento que ele escolhe pode ser qualquer momento, pois a ajuda está lá, apenas esperando pela sua escolha. 5 E quando ele escolhe usar o que lhe é dado, então verá cada situação que antes imaginava como um meio para justificar a sua raiva se transformar em um evento que justifica o seu amor. 6 Ele ouvirá claramente que os chamados para a guerra que antes escutava são realmente chamados para a paz. 7 Ele perceberá que onde investiu o seu ataque, existe apenas um outro altar onde ele poderia ter concedido, com igual facilidade e muito maior felicidade, o perdão. 8 E irá re-interpretar toda a tentação como apenas uma outra chance de trazer alegria a si mesmo.

T-25.III.7. Como é possível que uma percepção equivocada seja um pecado? 2 Permite que todos os erros do teu irmão nada sejam para ti além de uma chance de veres as obras Daquele Que ajuda, que te são dadas para que vejas o mundo que Ele fez em vez do teu. 3 O quê, então, se justifica em tudo isso? 4 O que queres? 5 Pois essas duas perguntas são uma só. 6 E quando as vires como uma só, a tua escolha está feita. 7 Pois é o fato de

vê-las como uma só que traz a liberação da crença em que existem dois modos de ver. 8 Esse mundo tem muito a oferecer à tua paz e muitas chances para estenderes o teu próprio perdão. 9 Tal é o seu propósito para aqueles que querem ver a paz e o perdão descerem sobre si mesmos e lhes oferecerem a luz.

T-25.III.8. O Fazedor do mundo da gentileza tem perfeito poder para apagar o mundo da violência e do ódio que parece colocar-se entre tu e a Sua gentileza. 2 Esse não está presente aos Seus olhos que sempre perdoam. 3 E, portanto, não precisa estar presente aos teus. 4 O pecado é a crença fixa em que a percepção não pode mudar. 5 O que foi condenado está condenado e condenado para sempre, sendo para sempre imperdoável. 6 Se, então, ele for perdoado, a percepção do pecado não pode deixar de ter sido errada. 7 E assim a mudança se faz possível. 8 O Espírito Santo, também, vê o que Ele vê como algo que está muito além da possibilidade de mudança. 9 Mas na Sua visão o pecado não pode se intrometer, pois o pecado foi corrigido pelo que Ele vê. 10 E assim ele não pode deixar de ter sido um erro, não um pecado. 11 Pois o que ele clamava que nunca poderia ter havido, houve. 12 O pecado é atacado pela punição e assim é preservado. 13 Mas perdoá-lo é mudar a sua condição de erro para a verdade.

T-25.III.9. O Filho de Deus nunca poderia pecar, mas pode desejar o que iria feri-lo. 2 E tem o poder de pensar que pode ser ferido. 3 O que isso poderia ser senão uma percepção equivocada de si mesmo? 4 Isso é um pecado ou um equívoco, perdoável ou não? 5 Ele necessita de ajuda ou condenação? 6 O teu propósito é que ele seja salvo ou condenado? 7 Sem te esqueceres de que o que ele é para ti fará com que essa escolha seja o teu futuro. 8 Pois tu a fazes *agora*, no instante em que todo o tempo vem a ser um meio para alcançar uma meta. 9 Faze, então, a tua escolha. 10 Mas reconhece que nessa escolha o propósito do mundo que vês é escolhido e será justificado.

T-25.IV. A luz que trazés contigo

T-25.IV.1. As mentes que estão unidas e reconhecem isso não podem sentir culpa. 2 Pois não podem atacar e regozijam-se de que seja assim, vendo sua segurança nesse fato feliz. 3 A sua alegria está na inocência que vêm. 4 E assim elas a buscam, porque é seu propósito contemplá-la e regozijarem-se. 5 Todos buscam aquilo que lhes trará alegria conforme a definem. 6 Não é o objetivo, como tal, que varia. 7 Mas é a forma como o objetivo é visto que faz com que a escolha dos meios seja inevitável e esses estão além da esperança de serem mudados a não ser que o objetivo seja mudado. 8 E então os meios são escolhidos mais uma vez, na medida em que o que vai trazer o regozijo é definido de outro modo e buscado de maneira diferente.

T-25.IV.2. A lei básica da percepção poderia então ser formulada assim: “Vais te regozijar com o que vês, porque o vês para te regozijares.” 2 E enquanto pensas que o sofrimento e o pecado vão te trazer alegria, eles lá estarão para que tu os vejas. 3 Nada te causa dano ou é benéfico à parte do que tu desejas. 4 É o teu desejo que faz com que uma coisa seja o que ela é nos seus efeitos sobre ti. 5 É assim porque a escolhes como um meio de obter esses mesmos efeitos, acreditando que eles sejam os portadores do regozijo e da alegria. 6 Mesmo no Céu essa lei prevalece. 7 O Filho de Deus cria para trazer alegria a si mesmo compartilhando o propósito do seu Pai em sua própria criação, de tal modo que a sua alegria possa ser aumentada e a de Deus junto com a sua.

T-25.IV.3. Tu, fazedor de um mundo que não é assim, recebe descanso e conforto de outro mundo onde habita a paz. 2 Esse mundo trazés contigo a todos os olhos exaustos e corações cansados que olham para o pecado e repetem o seu triste refrão. 3 De ti, pode vir o seu descanso. 4 De ti, pode surgir um mundo que eles se regozijarão em contemplar e onde os seus corações estão contentes. 5 Em ti há uma visão que se estende a todos eles e os cobre de gentileza e de luz. 6 E nesse mundo de luz que se alarga, a escuridão que pensavam lá estar é empurrada para longe, até que não seja nada além de sombras distantes, longe, muito longe, para não mais ser lembrada à medida que o sol brilha e a apaga no nada. 7 E todos os seus pensamentos “maus”, todas as suas esperanças “pecaminosas”, seus sonhos de culpa e vingança sem misericórdia e todo desejo de ferir, matar e morrer, desaparecerão diante do sol que trazés.

T-25.IV.4. Não queres fazer isso por Amor de Deus? 2 E por ti mesmo? 3 Pois pensa no que isso faria para ti. 4 Os teus pensamentos “maus”, que no momento te perseguem, parecerão cada vez mais remotos e distantes de ti. 5 E irão para longe, cada vez mais longe, porque o sol em ti nasceu para que, diante da luz, eles pudessem ser empurrados para longe. 6 Eles pairam por um momento, um momento curto, em formas distorcidas muito distantes para serem identificadas e depois se vão para sempre. 7 E à luz do sol tu permanecerás em quietude,

em inocência e totalmente sem medo. 8 E a partir de ti, o resto do que achaste estender-se-á de tal modo que a tua paz nunca possa se desfazer e deixar-te sem lar. 9 Aqueles que oferecem paz a todos acharam uma casa no Céu que o mundo não é capaz de destruir. 10 Pois ela é grande o suficiente para manter o mundo dentro da sua paz.

T-25.IV.5. Em ti está todo o Céu. 2 Cada folha que cai ganha vida em ti. 3 Cada pássaro que jamais cantou, cantará de novo em ti. 4 E cada flor que jamais floresceu guardou o seu perfume e a sua beleza para ti. 5 Que ambição pode superar a Vontade de Deus e de Seu Filho de que o Céu seja restaurado para aquele para quem foi criado como seu único lar? 6 Nada antes e nada depois. 7 Nenhum outro lugar, nenhum outro estado ou tempo. 8 Nada além e nada mais perto. 9 Nada mais. 10 Em forma alguma. 11 Isso tu podes trazer a todo o mundo e a todos os pensamentos que nele entraram e se enganaram por um momento. 12 De que melhor maneira poderiam os teus próprios equívocos serem trazidos à verdade, do que através da tua disponibilidade de trazer a luz do Céu contigo à medida que caminhas para além do mundo da escuridão rumo à luz?

T-25.V. O estado de impecabilidade

T-25.V.1. O estado de impecabilidade é meramente isso: todo o desejo de atacar se foi e assim não há razão para perceber o Filho de Deus diferente do que ele é. 2 A necessidade da culpa se foi porque ela não tem propósito e não tem significado sem o objetivo do pecado. 3 O ataque e o pecado estão ligados como uma única ilusão, cada uma sendo a causa, o objetivo e a justificativa do outro. 4 Cada um deles é sem significado por si só, mas parece tirar um significado do outro. 5 Cada um depende do outro para qualquer significado que pareça ter. 6 E ninguém poderia acreditar em um a não ser que o outro fosse a verdade, pois cada um atesta que o outro não pode deixar de ser verdadeiro.

T-25.V.2. O ataque faz com que Cristo seja teu inimigo e Deus junto com Ele. 2 Como podes deixar de ter medo com “inimigos” tais como estes? 3 E como podes deixar de ter medo de ti mesmo? 4 Pois feriste a ti mesmo e fizeste do teu Ser teu “inimigo”. 5 E agora tens que acreditar que tu não és tu, mas algo alheio a ti mesmo, “alguma outra coisa”, “alguma coisa” a ser temida em vez de amada. 6 Quem iria atacar qualquer coisa que percebesse como totalmente inocente? 7 E quem, porque deseja atacar, pode deixar de pensar que tem que ser culpado para manter o desejo, enquanto quer a inocência? 8 Pois quem poderia ver o Filho de Deus como um ser inocente e desejar a sua morte? 9 Cristo está diante de ti a cada vez que olhas para o teu irmão. 10 Ele não foi embora porque os teus olhos estão fechados. 11 Mas o que há para ver quando buscas o teu Salvador vendo-O através de olhos que não vêem?

T-25.V.3. Não é Cristo que vês olhando assim. 2 É o “inimigo”, confundido com Cristo, que contemplas. 3 E odeias, porque não existe nenhum pecado nele para que vejas. 4 Nem ouves o seu chamado lamentoso, imutável em conteúdo, qualquer que seja a forma na qual esse chamado é feito, para que te reúnas com ele e te unas a ele em inocência e paz. 5 E no entanto, por trás dos gritos sem sentido do ego, tal é o chamado que Deus deu a ele para que pudesses ouvir nele o Chamado de Deus a ti e responder devolvendo a Deus o que é de Deus.

T-25.V.4. O Filho de Deus te pede apenas isso: que tu lhe devolvas o que é devido a ele, para que possas compartilhá-lo com ele. 2 Sozinho, nenhum dos dois o tem. 3 Assim não pode deixar de permanecer sendo inútil para ambos. 4 Juntos, isso dará igualmente a cada um força para salvar o outro e salvar a si mesmo junto com o outro. 5 Perdoado por ti, o teu salvador te oferece a salvação. 6 Condenado por ti, ele te oferece à morte. 7 Em cada um apenas vês o reflexo do que escolhes que ele seja para ti. 8 Se te decides contra a função que lhe é própria, a única que ele tem na verdade, estás privando-o de toda a alegria que ele teria achado se cumprisse o papel que Deus lhe deu. 9 Mas não penses que o Céu fica perdido apenas para ele. 10 Nem é possível recuperares o Céu a não ser que o caminho seja mostrado a ele através de ti, para que possas achá-lo caminhando ao seu lado.

T-25.V.5. Não é um sacrifício que ele seja salvo, pois através da sua liberdade ganhas a tua própria. 2 Permitir que a sua função seja cumprida não é senão o meio de permitir que a tua também o seja. 3 E assim caminhas rumo ao inferno ou rumo ao Céu, mas não sozinho. 4 Como será bela a sua impecabilidade quando a perceberes! 5 E como será grande a tua alegria, quando ele estiver livre para te oferecer a dádiva da visão que Deus lhe deu para ti! 6 Ele não tem necessidade alguma senão essa: que permitas que ele tenha liberdade para completar a tarefa que Deus lhe deu. 7 Lembrando-te apenas disso: que o que ele faz, tu fazes junto com ele.

8 E do modo como o vês, assim defines a função que ele terá para ti até que o vejas de maneira diferente e deixes que ele seja o que Deus designou que fosse para ti.

T-25.V.6. Contra o ódio que o Filho de Deus pode acalantar contra si mesmo, acredita-se que Deus é impotente para salvar o que Ele criou da dor do inferno. 2 Mas no amor que ele demonstra por si mesmo, Deus é libertado para deixar que a Sua Vontade seja feita. 3 No teu irmão, tu vês a imagem do que acreditas que tem que ser a Vontade de Deus para ti. 4 No teu perdão, compreenderás o Seu Amor por ti; através do teu ataque, acreditarás que Ele te odeia, pensando que o Céu tem que ser o inferno. 5 Olha mais uma vez para o teu irmão, não sem a compreensão de que ele é o caminho para o Céu ou para o inferno, conforme tu o percebes. 6 Mas não te esqueças disso: o papel que dás a ele é dado a ti e caminharás pelo caminho que apontaste a ele, porque esse é o teu julgamento a respeito de ti mesmo.

T-25.VI. A função especial

T-25.VI.1. A graça de Deus descansa gentilmente em olhos que perdoam e todas as coisas para as quais eles olham falam de Deus a quem as contempla. 2 Ele é incapaz de ver qualquer mal; nada há no mundo para ser temido e pessoa alguma é diferente dele. 3 E assim como ele as ama, do mesmo modo olha para si mesmo com amor e gentileza. 4 Ele não condenaria a si mesmo por seus equívocos assim como não quer amaldiçoar um outro. 5 Não é um árbitro da vingança, nem alguém que puni pecados. 6 A benignidade do seu modo de ver repousa nele mesmo com toda a ternura que oferece aos outros. 7 Pois ele quer apenas curar e abençoar. 8 E estando de acordo com o que Deus quer, tem o poder de curar e de abençoar todos aqueles que ele contempla com a graça de Deus sobre tudo o que vê.

T-25.VI.2. Os olhos se habituariam à escuridão e a luz brilhante do dia parece dolorosa a olhos há tanto tempo acostumados com os efeitos vagos percebidos no crepúsculo. 2 E afastam-se da luz do sol e da claridade que ela traz para aquilo que olham. 3 A penumbra parece ser melhor, mais fácil de ser vista e melhor reconhecida. 4 De algum modo, o vago e o mais obscuro parecem mais fáceis de se olhar, menos dolorosos para os olhos do que o que é totalmente claro e sem ambigüidade. 5 No entanto, não é para isso que servem os olhos e quem pode dizer que prefere a escuridão e afirmar que quer ver?

T-25.VI.3. O desejo de ver chama a graça de Deus sobre os teus olhos e traz a dádiva da luz que torna à vista possível. 2 Queres contemplar o teu irmão? 3 Deus está contente por olhares para ele. 4 Não é a Sua Vontade que o teu salvador não seja reconhecido por ti. 5 Nem é Sua Vontade que o teu salvador fique sem a função que Deus lhe deu. 6 Não deixes mais que ele seja solitário, pois solitários são aqueles que não vêem no mundo nenhuma função que possam cumprir, nenhum lugar onde sejam necessários e nenhum objetivo que só eles possam cumprir perfeitamente.

T-25.VI.4. Tal é a benigna percepção do Espírito Santo do especialismo, o uso que Ele faz do que tu fizeste para curar ao invés de ferir. 2 A cada um Ele dá uma função especial na salvação que só ele pode desempenhar, um papel somente dele. 3 Nem o plano se completa enquanto ele não encontra a sua função especial e não cumpre a parte que lhe é atribuída para fazer com que ele mesmo seja completo dentro de um mundo onde reina a incompletude.

T-25.VI.5. Aqui, onde as leis de Deus não prevalecem de forma perfeita, ainda assim ele pode fazer uma coisa perfeita e uma escolha perfeita. 2 E através deste ato de perfeita fé em alguém percebido como diferente de si mesmo, ele aprende que a dádiva foi dada a ele e, portanto, os dois têm que ser um só. 3 O perdão é a única função que tem significado no tempo. 4 E o meio que o Espírito Santo usa para traduzir o especialismo, de pecado em salvação. 5 O perdão é para todos. 6 Mas quando ele está em todos, está completo e todas as funções desse mundo estão completas com ele. 7 Então, o tempo não mais existe. 8 Entretanto, enquanto ainda se está no tempo, há muito a se fazer. 9 E cada um tem que fazer o que lhe cabe, pois todo o plano depende da parte de cada um. 10 Cada um tem uma parte especial no tempo, pois escolheu assim e, escolhendo assim, ele a fez para si mesmo. 11 O seu desejo não foi negado, mas mudado em sua forma, de modo que pudesse servir ao seu irmão e a ele próprio e assim vir a ser um meio de salvar em vez de perder.

T-25.VI.6. A salvação não é mais do que um lembrete de que esse mundo não é a tua casa. 2 As leis que o regem não te são impostas, os seus valores não são os teus. 3 E nada do que pensas ver nele está realmente

presente de forma alguma. 4 Isso é visto e compreendido quando cada um faz a sua parte em seu desfazer, assim como tomou parte em fazê-lo. 5 Ele tem os meios para ambas as coisas, como sempre teve. 6 O especialismo que ele escolheu para feri-lo Deus designou que fosse o meio da sua salvação, a partir do mesmo instante em que a escolha foi feita. 7 Do seu pecado especial foi feita a sua graça especial. 8 Seu ódio especial veio a ser seu amor especial.

T-25.VI.7. O Espírito Santo necessita da tua função especial para que a Sua possa ser cumprida. 2 Não penses que te falta um valor especial aqui. 3 Tu o quiseste e ele te foi dado. 4 Tudo o que fizeste pode facilmente servir bem à salvação. 5 O Filho de Deus não é capaz de fazer nenhuma escolha que o Espírito Santo não possa empregar a seu favor e não contra ele. 6 Só na escuridão é que o teu especialismo parece ser ataque. 7 Na luz, tu o vês como a tua função especial no plano para salvar o Filho de Deus de todo ataque e deixar que ele compreenda que está a salvo, como sempre esteve e sempre estará tanto no tempo quanto na eternidade. 8 Essa é a função que te é dada para o teu irmão. 9 Toma-a gentilmente, então, das mãos do teu irmão e permite que a salvação seja perfeitamente cumprida em ti. 10 Faze essa única coisa, para que todas as coisas te sejam dadas.

T-25.VII. A rocha da salvação

T-25.VII.1. Entretanto, se o Espírito Santo é capaz de comutar cada sentença que impuseste a ti mesmo em uma bênção, nesse caso, isso não pode ser pecado. 2 O pecado é a única coisa em todo o mundo que não pode mudar. 3 Ele é imutável. 4 E da sua imutabilidade depende o mundo. 5 A mágica do mundo é capaz de aparentar esconder dos pecadores a dor do pecado e de iludir com brilho e lábia. 6 No entanto, todos sabem que o salário do pecado é a morte. 7 E assim é. 8 Pois o pecado é um pedido de morte, um desejo de tornar a fundação desse mundo tão certa quanto o amor, confiável como o Céu e forte como o próprio Deus. 9 O mundo está a salvo do amor para todos aqueles que pensam que o pecado é possível. 10 Nem isso vai mudar. 11 No entanto, é possível que o que Deus não criou compartilhe os atributos da Sua criação, quando se opõe a ela em todos os aspectos?

T-25.VII.2. Não é possível que o desejo que os “pecadores” têm da morte seja tão forte quanto a Vontade de Deus pela vida. 2 E nem é possível que a base de um mundo que Ele não fez seja firme e segura como o Céu. 3 Como poderia ser que o inferno e o Céu fossem o mesmo? 4 E é possível que o que não é a Vontade de Deus não possa ser mudado? 5 O que é imutável além da Sua Vontade? 6 E o que pode compartilhar os seus atributos exceto ela mesma? 7 Que desejo pode se colocar contra a Sua Vontade e ser imutável? 8 Se pudesses te dar conta de que nada é imutável a não ser a Vontade de Deus, esse curso não seria difícil para ti. 9 Pois é isso que não acreditas. 10 No entanto, nada mais há em que possas acreditar, se apenas olhasses para o que isso realmente é.

T-25.VII.3. Vamos voltar ao que dissemos anteriormente e pensar nisso com mais cuidado. 2 Necessariamente ou Deus é louco ou esse mundo é um lugar de loucura. 2 Nenhum dos Seus Pensamentos faz sentido algum dentro desse mundo. 3 E nada daquilo que o mundo acredita que é verdadeiro tem qualquer significado na Sua Mente. 4 O que não faz sentido e não tem significado é insanidade. 5 E o que é loucura não pode ser a verdade. 6 Se uma só crença profundamente valorizada aqui fosse verdadeira, então, qualquer Pensamento que Deus já teve seria uma ilusão. 7 E se apenas um dos Seus Pensamentos é verdadeiro, então todas as crenças às quais o mundo dá qualquer significado são falsas e não fazem qualquer sentido. 8 Essa é a escolha que fazes. 9 Não tentes vê-la de modo diferente, nem distorcê-la em algo que ela não é. 10 Pois só essa é a decisão que podes tomar. 11 O resto depende de Deus e não de ti.

T-25.VII.4. Justificar um só valor que o mundo mantenha é negar a sanidade do teu Pai e a tua. 2 Pois Deus e o Seu Filho amado não pensam de modo diferente. 3 E é a concordância do seu pensamento que faz do Filho um co-criador com a Mente Cujo Pensamento o criou. 4 Assim, se ele escolhe acreditar em um único pensamento oposto à verdade, decidiu que não é o Filho de seu Pai, porque o Filho é louco e a sanidade tem que estar à parte tanto do Pai quanto do Filho. 5 Nisso tu acreditas. 6 Não penses que essa crença depende da forma que ela tome. 7 Quem acha que o mundo é são sob qualquer aspecto, que ele tem justificativa para qualquer coisa que pense ou é mantido por qualquer forma de razão, acredita que isso é verdadeiro. 8 O pecado não é real porque o Pai e o Filho não são insanos. 9 Esse mundo não tem significado porque se baseia no pecado. 10 Quem poderia criar o imutável se não se baseia na verdade?

T-25.VII.5. O Espírito Santo tem o poder de mudar todo o fundamento do mundo que vês em outra coisa: uma base não insana, na qual pode basear-se uma percepção sã e um outro mundo pode ser percebido. 2 E um mundo no qual não se contradiz nada que queira conduzir o Filho de Deus à sanidade e à alegria. 3 Nada atesta a morte e a crueldade, a separação e a diferença. 4 Pois aqui tudo é percebido como um só e ninguém perde para que cada um possa ganhar.

T-25.VII.6. Testa tudo aquilo em que acreditas diante deste único requisito e compreende que todas as coisas que satisfazem a essa exigência são dignas da tua fé. 2 Mas nenhuma outra coisa pode ser. 3 O que não é amor, é pecado e cada um dos dois percebe o outro como insano e sem significado. 4 O amor é a base de um mundo percebido como totalmente louco para os pecadores, que acreditam que o seu é o caminho para a sanidade. 5 Mas o pecado é igualmente insano do ponto de vista do amor, cujos olhos gentis querem olhar para o que está além da loucura e descansam pacificamente na verdade. 6 Cada um vê um mundo imutável, assim como cada um define a verdade imutável e eterna do que tu és. 7 E cada um reflete um modo de ver acerca do que o Pai e o Filho têm que ser para fazer com que esse ponto de vista seja significativo e são.

T-25.VII.7. A tua função especial é a forma especial na qual o fato de que Deus não é insano parece mais sensato e significativo para ti. 2 O conteúdo é o mesmo. 3 A forma se adapta às tuas necessidades especiais e ao tempo e ao local especial no qual pensas que te encontras e onde podes estar livre do tempo e do espaço e de tudo o que acreditas que não pode deixar de limitar-te. 4 O Filho de Deus não pode estar preso pelo tempo nem pelo espaço, nem por coisa alguma que não seja a Vontade de Deus. 5 Entretanto, se a Sua Vontade é vista como loucura, então a forma de sanidade que faz com que ela seja mais aceitável para aqueles que são insanos requer uma escolha especial. 6 Também não é possível que essa escolha seja feita pelos insanos, cujo problema é o fato de suas escolhas não serem livres e feitas com razão à luz do que tem sentido.

T-25.VII.8. Seria loucura confiar a salvação aos insanos. 2 Porque Deus não é louco, Ele designou Alguém tão são quanto Ele para fazer surgir um mundo mais são para se encontrar com o modo de ver de todo aquele que escolheu a insanidade como sua salvação. 3 A esse Alguém é dada a escolha da forma mais adequada a ele, uma forma que não ataque o mundo que vê, mas penetre nesse mundo em quietude e lhe mostre que ele é louco. 4 Esse Alguém apenas aponta para uma alternativa, uma outra maneira de olhar para o que ele já viu antes e reconhece como o mundo no qual vive e que antes pensava compreender.

T-25.VII.9. Agora ele tem que questionar isso, pois a forma da alternativa é tal que ele não pode negá-la, nem deixar de ver, nem falhar completamente em perceber. 2 Para cada um a sua função especial é programada de maneira tal que seja percebida como sendo possível e cada vez mais desejável, à medida que lhe prova que é uma alternativa que ele realmente quer. 3 Dessa posição, a presença do pecado nele e todo o pecado que ele vê no mundo lhe oferecem cada vez menos. 4 Essa situação continua até que venha a compreender que isso lhe custa a sua sanidade e que isso se interpõe entre ele e qualquer esperança que possa ter de ser são. 5 Ele também não é deixado sem um modo de escapar da loucura, pois tem uma parte especial no escape de todos. 6 Ele já não pode ser deixado de fora, sem uma função especial na esperança da paz, assim como o Pai não pode deixar de ver Seu Filho e passar por ele descuidadamente sem um só pensamento para com ele.

T-25.VII.10. O que é confiável, senão o Amor de Deus? 2 E onde habita a sanidade senão Nele? 3 Aquele Que fala por Ele pode te mostrar isso na alternativa que Ele escolheu especialmente para ti. 4 É a Vontade de Deus que tu te lembres disso e assim te ergas do luto mais profundo para a alegria perfeita. 5 Aceita a função que te foi atribuída no plano do próprio Deus para mostrar ao Seu Filho que o inferno e o Céu são diferentes, não o mesmo. 6 E que no Céu, todos Eles são o mesmo, sem as diferenças que fariam do Céu um inferno e do inferno um céu, se tal insanidade tivesse sido possível.

T-25.VII.11. Toda a crença segundo a qual é possível que alguém perca o que quer que seja simplesmente reflete a doutrina subjacente segundo a qual Deus tem que ser insano. 2 Pois nesse mundo parece que alguém tem que ganhar porque outro perdeu. 3 Se isso fosse verdadeiro, Deus seria louco de fato! 4 Mas o que é essa crença além de uma forma da doutrina mais básica: “O pecado é real e reina no mundo?” 5 Por cada pequeno ganho, alguém tem que perder e pagar uma soma exata em sangue e sofrimento. 6 Pois de outra forma, o mal triunfaria e a destruição seria o preço total de qualquer ganho que fosse. 7 Tu, que acreditas que Deus é louco, olha para isso com atenção e compreende que um dos dois tem que ser insano, ou isso ou Deus, mas dificilmente ambos.

T-25.VII.12. A salvação é o renascimento da idéia de que ninguém pode perder nada para que outro ganhe. 2 E todos têm que ganhar, se qualquer um ganha qualquer coisa. 3 Aqui a sanidade é restaurada. 4 E nesta única rocha da verdade pode a fé na sanidade eterna de Deus descansar em perfeita confiança e em perfeita paz. 5 A razão está satisfeita, pois todas as crenças insanas podem ser corrigidas aqui. 6 E o pecado tem que ser impossível, se isso é verdadeiro. 7 Essa é a rocha na qual a salvação se baseia, o ponto privilegiado a partir do qual o Espírito Santo dá significado e direção ao plano no qual a tua função especial tem um papel. 8 Pois aqui a tua função especial se torna íntegra, porque ela compartilha a função do todo.

T-25.VII.13. Lembra-te que toda tentação não passa disso: uma crença louca segundo a qual a insanidade de Deus faria com que fosses são e te daria o que queres; uma crença louca segundo a qual ou Deus ou tu, um dos dois teria que perder para a loucura, porque os vossos objetivos não podem ser conciliados. 2 A morte exige a vida, mas a vida não é mantida a nenhum custo. 3 Ninguém pode sofrer para que a Vontade de Deus seja cumprida. 4 A salvação é a Sua Vontade, porque tu a compartilhas. 5 Não só para ti, mas para o Ser Que é o Filho de Deus. 6 Ele não pode perder, pois se pudesse, a perda seria de seu Pai e Nele nenhuma perda é possível. 7 E isso é são porque é a verdade.

T-25.VIII. A justiça devolvida ao amor

T-25.VIII.1. O Espírito Santo pode usar tudo o que dás a Ele para a tua salvação. 2 Mas Ele não pode usar aquilo que reténs, porque não pode tomá-lo de ti sem a tua disponibilidade para isso. 3 Pois se Ele o fizesse, acreditarias que Ele o arrancou de ti contra a tua vontade. 4 E assim não aprenderias que é tua vontade ficar sem isso. 5 Não precisas dar isso a Ele com disponibilidade total, pois se pudesses fazê-lo, não terias nenhuma necessidade Dele. 6 Mas disso Ele necessita: que prefiras que Ele tire isso de ti do que guardá-lo só para ti, reconhecendo que não queres conhecer aquilo que traz perda a qualquer pessoa. 7 É necessário acrescentar apenas isso à idéia de que ninguém pode perder para que tu ganhes. 8 E nada mais.

T-25.VIII.2. Aqui está o único princípio de que necessita a salvação. 2 Também não é necessário que a tua fé nisso seja forte, inquebrantável e inatacável por qualquer crença que se oponha a ele. 3 As tuas alianças não são fixas. 4 Mas lembra-te que a salvação não é necessária para os que estão salvos. 5 Não te é pedido que faças o que uma pessoa ainda dividida contra si mesma acharia impossível. 6 Não tenhas fé em que se possa achar sabedoria em tal estado mental. 7 Mas sê grato porque apenas te é pedido um pouco de fé. 8 O que, além de um pouco de fé, resta para aqueles que ainda acreditam no pecado? 9 O que poderiam eles saber acerca do Céu e da justiça dos que estão salvos?

T-25.VIII.3. Existe uma espécie de justiça na salvação a respeito da qual o mundo nada conhece. 2 Para o mundo, justiça e vingança são a mesma coisa, pois os pecadores só vêem a justiça como seu castigo, talvez suportado por uma outra pessoa, mas nunca é possível escapar. 3 As leis do pecado exigem uma vítima. 4 Quem será, faz pouca diferença. 5 Mas a morte tem que ser o custo e tem que ser pago. 6 Isso não é justiça, mas insanidade. 7 No entanto, como poderia a justiça ser definida sem insanidade onde o amor significa ódio e a morte é vista como uma vitória e um triunfo sobre a eternidade, a intemporalidade e a vida?

T-25.VIII.4. Tu, que não conheces a justiça, podes ainda perguntar e aprender a resposta. 2 A justiça olha para todos do mesmo modo. 3 Não é justo que falte a alguém o que outro tem. 4 Pois isso é vingança, qualquer que seja a forma que tome. 5 A justiça não exige nenhum sacrifício, posto que todo o sacrifício é feito para que o pecado seja preservado e mantido. 6 E um pagamento oferecido pelo custo do pecado, mas não o custo total. 7 O restante é tomado de outro, para ser depositado ao lado do teu pequeno pagamento, para “expiar” tudo o que queres manter e não entregar. 8 Assim a vítima é vista como sendo em parte tu, com um outro arcando com uma parte muito maior. 9 E no custo total, quanto maior a parte dele, menor a tua. 10 E a justiça, sendo cega, fica satisfeita por ser paga, pouco importa por quem.

T-25.VIII.5. É possível que isso seja justiça? 2 Deus nada sabe a respeito disso. 3 Mas a justiça Ele conhece e conhece bem. 4 Pois Ele é totalmente justo para com todas as pessoas. 5 A vingança é alheia à Mente de Deus porque Ele conhece a justiça. 6 Ser justo é ser capaz de equidade, não sendo vingativo. 7 Equidade e vingança são impossíveis, pois cada uma contradiz a outra e nega que ela seja real. 8 É impossível para ti compartilhar a justiça do Espírito Santo com uma mente que é capaz de conceber qualquer especialismo. 9 Entretanto, como pode Ele ser justo se condena um pecador pelos crimes que ele não cometeu, mas pensa que cometeu? 10 E

onde estaria a justiça se Ele exigisse daqueles, que estão obcecados com a idéia do castigo, que a pusessem de lado sem ajuda e percebessem que ela não é verdadeira?

T-25.VIII.6. É extremamente difícil para aqueles que ainda acreditam no pecado como algo significativo compreender a justiça do Espírito Santo. 2 Eles têm que acreditar que o Espírito Santo compartilha a sua própria confusão e não pode evitar a vingança que a sua própria crença na justiça tem que acarretar. 3 E assim têm medo do Espírito Santo e percebem Nele a “ira” de Deus. 4 Nem sequer podem confiar que Ele não os trespassará, matando-os com relâmpagos de luz arrancados do “fogo” do Céu pela própria Mão furiosa de Deus. 5 Eles, de fato, acreditam que o Céu é o inferno e têm medo do amor. 6 E uma suspeita profunda e o frio tremor do medo caem sobre eles quando lhes é dito que nunca pecaram. 7 O seu mundo depende da estabilidade do pecado. 8 E percebem a “ameaça” daquilo que Deus conhece como justiça como algo mais destrutivo para si mesmos e para o seu mundo do que a vingança, a qual compreendem e amam.

T-25.VIII.7. Assim pensam que a perda do pecado é uma maldição. 2 E fogem do Espírito Santo como se Ele fosse um mensageiro do inferno, enviado do alto, na traição e na lábia, para trabalhar na vingança de Deus sobre eles, disfarçado de libertador e amigo. 3 O que poderia Ele ser para eles senão um demônio, vestido com a capa de um anjo com o objetivo de enganá-los? 4 E que saída Ele lhes oferece senão uma porta para o inferno com a aparência da porta do Céu?

T-25.VIII.8. Apesar disso, a justiça não pode punir aqueles que pedem punição, pois têm um Juiz Que tem o conhecimento de que eles são completamente inocentes na verdade. 2 Na justiça, Ele se limita a libertá-los e a dar-lhes toda a honra que merecem e têm negado a si próprios porque não são capazes de equidade e não podem compreender que são inocentes. 3 O amor não é compreensível para os pecadores porque pensam que a justiça está fora do amor e representa alguma outra coisa. 4 Assim é o amor percebido como fraco e a vingança forte. 5 Pois o amor perdeu quando o julgamento deixou de estar a seu lado e é fraco demais para salvar da punição. 6 Mas a vingança sem amor ganhou em força por estar separada e à parte do amor. 7 E o que além da vingança pode agora salvar e ajudar, enquanto o amor se deixa ficar debilmente de lado, com mãos impotentes, destituído de justiça e vitalidade e sem poder para salvar?

T-25.VIII.9. O que pode o Amor pedir a ti, que pensas que tudo isso é verdadeiro? 2 Poderia Ele, na justiça e no amor, acreditar que na tua confusão tens muito para dar? 3 Não te é pedido que confies muito Nele. 4 Não mais do que aquilo que vês que Ele te oferece e reconheces que não poderias dar a ti mesmo. 5 Na justiça própria de Deus, Ele de fato reconhece tudo o que mereces, mas da mesma forma compreende que não és capaz de aceitá-lo para ti mesmo. 6 É a Sua função especial te oferecer as dádivas que os inocentes merecem. 7 E cada uma que aceitas traz alegria a Ele assim como a ti. 8 Ele sabe que o Céu fica mais rico com cada uma que aceitas. 9 E Deus se regozija à medida que o Seu Filho recebe aquilo que a justiça amorosa sabe que é devido a ele. 10 Pois o amor e a justiça não são diferentes. 11 *Como* eles são o mesmo, a misericórdia está à Mão direita de Deus e dá ao Filho de Deus o poder de perdoar a si próprio por todo pecado.

T-25.VIII.10. Dele, que merece todas as coisas, como pode ser possível que algo seja omitido? 2 Pois isso, de fato, seria injustiça, falta de equidade para com toda a santidade que existe nele, por mais que ele não a reconheça. 3 Deus não conhece nenhuma injustiça. 4 Ele não iria permitir que Seu Filho fosse julgado por aqueles que buscam a sua morte e que não podem ver o seu valor de jeito nenhum. 5 Que testemunhas honestas poderiam eles chamar para falar em seu favor? 6 E quem viria para apelar a favor dele, ao invés de contra a sua vida? 7 Nenhuma justiça seria dada a ele por ti. 8 Entretanto, Deus garantiu que a justiça fosse feita ao Filho que Ele ama e quer protegê-lo de toda iniquidade que possas buscar para oferecer-lhe, acreditando que é a vingança que lhe é propriamente devida.

T-25.VIII.11. Como o especialismo não se importa com quem paga o custo do pecado, desde que ele seja pago, assim também o Espírito Santo não se preocupa com quem olha para a inocência por último, desde que ela seja vista e reconhecida. 2 Pois apenas uma testemunha é suficiente, se ela vir verdadeiramente. 3 A simples justiça não pede mais do que isso. 4 A cada um o Espírito Santo pergunta se ele quer ser essa testemunha de modo que a justiça possa retornar ao amor e lá ser satisfeita. 5 Cada função especial que Ele atribui não tem senão essa finalidade: que cada um aprenda que amor e justiça não são separados. 6 E ambos são fortalecidos por sua união um com o outro. 7 Sem amor, a justiça fica preconceituosa e fraca. 8 E amor sem justiça é impossível. 9 Pois o amor é justo e não pode punir sem causa. 10 Que causa pode dar legalidade a um ataque sobre os

inocentes? 11 Na justiça, então, o amor corrige equívocos, mas não na vingança. 12 Pois isso seria injusto para com a inocência.

T-25.VIII.12. Tu podes ser uma testemunha perfeita do poder do amor e da justiça, se compreenderes que é impossível que o Filho de Deus possa merecer vingança. 2 Não é necessário que percebas, em cada circunstância, que isso é verdadeiro. 3 Nem é preciso que olhes para a tua experiência no mundo, que não passa de uma sombra de tudo o que realmente está acontecendo dentro de ti mesmo. 4 A compreensão que necessitas não vem de ti, mas de um Ser maior, tão grande e tão santo que Ele não poderia duvidar da Sua inocência. 5 A tua função especial é um chamado a Ele, para que Ele possa sorrir para ti, cuja impecabilidade Ele compartilha. 6 A Sua compreensão será tua. 7 E assim a função especial do Espírito Santo foi cumprida. 8 O Filho de Deus achou uma testemunha para a sua impecabilidade e não para os seus pecados. 9 Como é pouco o que precisas dar ao Espírito Santo para que a simples justiça possa ser feita para contigo.

T-25.VIII.13. Sem imparcialidade não existe justiça. 2 Como pode o especialismo ser justo? 3 Não julgues porque não podes fazê-lo e não porque também és um miserável pecador. 4 Como é possível que aquele que é especial realmente compreenda que a justiça é a mesma para todos? 5 Tirar de um para dar a outro tem que ser uma injustiça para os dois, já que são iguais do ponto de vista do Espírito Santo. 6 O Seu Pai deu a mesma herança para ambos. 7 Quem quer ter mais ou menos não tem consciência de que tem tudo. 8 Não serve de juiz do que tem que ser devido ao outro, porque pensa que ele próprio é destituído. 9 E assim, necessariamente, ele é invejoso e tenta tirar daquele a quem julga. 10 Ele não é imparcial e não pode ver com equidade os direitos do outro, porque os seus próprios foram obscurecidos para ele.

T-25.VIII.14. Tu tens direito a todo o universo: a paz perfeita, a libertação completa de todos os efeitos do pecado e a vida eterna, alegre e completa em todos os aspectos conforme Deus designou para o Seu Filho santo. 2 Essa é a única justiça que o Céu conhece e tudo o que o Espírito Santo traz à terra. 3 A tua função especial nada te mostra além de que a perfeita justiça pode prevalecer para ti. 4 E estás a salvo da vingança em todas as formas. 5 O mundo engana, mas não é capaz de substituir a justiça de Deus por uma versão própria. 6 Pois só o amor é justo e pode perceber o que a justiça tem que dar ao Filho de Deus. 7 Deixa que o amor decida e nunca temas que tu, na tua falta de equidade, vá privar a ti mesmo do que a justiça de Deus reservou para ti.

T-25.IX. A justiça do Céu

T-25.IX.1. O que pode ser além de arrogância pensar que os teus pequenos erros não podem ser desfeitos pela justiça do Céu? 2 E o que pode significar isso, senão que eles são pecados e não equívocos, para sempre incorrigíveis e que devem ser enfrentados com vingança e não com justiça? 3 Estás disposto a ser liberado de todos os efeitos do pecado? 4 Não podes responder a isso enquanto não vês tudo o que a resposta acarreta. 5 Pois se respondes “sim”, isso significa que deixarás todos os valores desse mundo em favor da paz do Céu. 6 Nem um único pecado tu reterás. 7 E não valorizarás nenhuma dúvida de que isso seja possível de modo que o pecado seja mantido em seu devido lugar. 8 O que queres dizer é que a verdade agora tem maior valor do que todas as ilusões. 9 E reconheces que a verdade tem que ser revelada a ti, porque não sabes o que é.

T-25.IX.2. Dar relutantemente é não ganhar a dádiva, porque estás relutante em aceitá-la. 2 Ela está guardada para ti até que a relutância em recebê-la desapareça e tiveres vontade de que ela te seja dada. 3 A justiça de Deus dá direito a gratidão, não ao medo. 4 Nada do que dás está perdido para ti nem para ninguém, mas é valorizado e preservado no Céu, onde todos os tesouros dados ao Filho de Deus são guardados para ele e oferecidos a qualquer um que apenas estenda a mão, com a disposição de recebê-los. 5 E o tesouro também não diminui à medida que é dado aos outros. 6 Cada dádiva apenas acrescenta ao estoque. 7 Pois Deus é justo. 8 Ele não luta contra a relutância de Seu Filho em perceber a salvação como uma dádiva Sua. 9 No entanto, a Sua justiça não se satisfará enquanto não for recebida por todos.

T-25.IX.3. Estejas certo de que qualquer resposta que o Espírito Santo dê para solucionar qualquer problema sempre será uma resposta na qual ninguém perde. 2 E isso tem que ser verdadeiro, porque Ele não pede nenhum sacrifício de ninguém. 3 Uma resposta que exija a menor perda de qualquer pessoa não resolveu o problema, mas somou-se a ele, aumentando-o, tornando-o mais difícil de resolver e mais injusto. 4 É impossível que o Espírito Santo possa ver a falta de equidade como uma solução. 5 Para ele, o que é injusto tem que ser corrigido, porque é injusto. 6 E todo erro é uma percepção na qual alguém, pelo menos um, é visto

injustamente. 7 Assim a justiça não é concedida ao Filho de Deus. 8 Quando qualquer um é visto como perdedor, ele foi condenado. 9 E a punição vem a ser o que lhe é devido ao invés da justiça.

T-25.IX.4. O que a inocência vê faz com que o castigo seja impossível e a justiça certa. 2 A percepção do Espírito Santo não deixa nenhuma justificativa para o ataque. 3 Somente uma perda poderia justificar o ataque e Ele não pode ver qualquer tipo de perda. 4 O mundo resolve problemas de outra maneira. 5 O mundo vê uma solução como um estado no qual se decide quem irá ganhar e quem irá perder, quanto aquele deverá tomar do outro e quanto o perdedor poderá ainda defender para si mesmo. 6 Entretanto, o problema permanece ainda sem solução, pois só a justiça pode estabelecer um estado no qual não há perdedor, no qual ninguém é tratado sem equidade e ninguém é destituído, não tendo, portanto, justificativa para vingança. 7 A solução de problemas não pode ser a vingança, a qual, na melhor das hipóteses, só pode trazer outro problema que será acrescentado ao primeiro, no qual o assassinato não é óbvio.

T-25.IX.5. A solução de problemas própria do Espírito Santo é a maneira na qual o problema termina. 2 Ele foi resolvido porque se encontrou com a justiça. 3 Até que isso se dê, irá ocorrer outra vez por não ter ainda sido solucionado. 4 O princípio segundo o qual a justiça significa que ninguém pode perder é crucial nesse curso. 5 Pois milagres dependem da justiça. 6 Não como ela é vista através dos olhos desse mundo, mas como Deus a conhece, e como conhecimento ela se reflete no modo de ver que é dado pelo Espírito Santo.

T-25.IX.6. Ninguém merece perder. 2 E o que seria injusto para qualquer um não pode ocorrer. 3 A cura tem que ser para todos, porque ninguém merece nenhuma espécie de ataque. 4 Que ordem pode existir nos milagres, a não ser que alguém mereça sofrer mais e outro menos? 5 E isso é justiça para com os totalmente inocentes? 6 Um milagre é justiça. 7 Não é uma dádiva especial para alguns, a ser recusada para outros por serem considerados menos dignos, mais condenados e, portanto, à parte da cura. 8 Quem pode ser separado da salvação, se o seu propósito é o fim do especialismo? 9 Onde está a justiça da salvação se alguns erros são imperdoáveis e dão direito à vingança em lugar da cura e do retorno da paz?

T-25.IX.7. A salvação não pode buscar ajudar o Filho de Deus a ser mais injusto do que ele buscou ser. 2 Se os milagres, que são a dádiva do Espírito Santo, fossem dados especialmente para um grupo eleito e especial e fossem mantidos à parte de outros menos merecedores, nesse caso, Ele seria um aliado do especialismo. 3 O que o Espírito Santo não pode perceber, Ele não testemunha. 4 E todos têm o mesmo direito à Sua dádiva de cura, libertação e paz. 5 Dar um problema ao Espírito Santo para que Ele o solucione para ti, significa que tu queres que ele seja solucionado. 6 Mantê-lo para ti mesmo para que o resolvas sem a Sua ajuda é decidir que o problema deve continuar sem solução, não-resolvido, perdurando em seu poder de injustiça e ataque. 7 Ninguém pode ser injusto contigo a não ser que, em primeiro lugar, tenhas te decidido a ser injusto. 8 E então é preciso que surjam problemas para impedir o teu caminho e a paz tem que ser dispersada pelos ventos do ódio.

T-25.IX.8. A não ser que penses que todos os teus irmãos, assim como tu, têm o mesmo direito aos milagres, não reivindicarás teu direito a eles porque foste injusto para com alguém com direitos iguais. 2 Busca negar e te sentirás negado. 3 Busca privar e terás sido privado. 4 Um milagre nunca pode ser recebido porque um outro não pode recebê-lo. 5 Só o perdão oferece milagres. 6 E o perdão tem que ser Justo para com todos.

T-25.IX.9. Os pequenos problemas que guardas e escondes vêm a ser teus pecados secretos, porque não escolheste deixar que eles fossem removidos para ti. 2 Assim, eles ajuntam pó e crescem até que cubram todas as coisas que percebes e não te deixam ser justo para com ninguém. 3 Não podes acreditar que tenhas qualquer direito. 4 E a amargura, com a vingança justificada e a misericórdia perdida, te condena como indigno do perdão. 5 Os não-perdoados não têm misericórdia para conceder uns aos outros. 6 E por isso que a tua única responsabilidade tem que ser receber o perdão para ti mesmo.

T-25.IX.10. O milagre que recebes, tu dás. 2 Cada um vem a ser uma ilustração da lei na qual a salvação se baseia: que a justiça tem que ser feita para todos, se é que se quer que alguém se salve. 3 Ninguém pode perder e todos têm que se beneficiar. 4 Cada milagre é um exemplo do que a justiça pode realizar quando é oferecida a todos de modo igual. 5 Ela é recebida e dada igualmente. 6 É a consciência de que dar e receber são a mesma coisa. 7 Porque ela não faz com que o mesmo não seja igual, não vê diferenças onde elas não existem. 8 E

assim é a mesma para todos, porque não vê diferenças entre eles. 9 Seu oferecimento é universal e ela ensina apenas uma mensagem:

10 O que é de Deus pertence a todos e é devido a todos.

Fim do Capítulo 25 – Página 579

Capítulo 26 **A TRANSIÇÃO**

I. O “sacrifício” da unicidade

T-26.I.1. Na ‘dinâmica’ do ataque o sacrifício é uma idéia chave. 2 O pivô em cima do qual todas as transigências, todas as tentativas desesperadas de ganhar com uma barganha e todos os conflitos conseguem um aparente equilíbrio. 3 É o símbolo do tema central segundo o qual alguém tem que perder. 4 Ele evidentemente focaliza o corpo, pois é sempre uma tentativa de limitar a perda. 5 O corpo é um sacrifício em si mesmo, uma desistência do poder em nome de salvar um pouco para si mesmo. 6 Ver um irmão em outro corpo, separado do teu, é a expressão do desejo de ver uma pequena parte dele e sacrificar o restante. 7 Olha para o mundo e tu nada verás ligado a nenhuma outra coisa além de si mesma. 8 Todas as entidades aparentes podem chegar um pouco mais perto ou afastar-se um pouco, mas não podem se unir.

T-26.I.2. O mundo que vês é baseado no ‘sacrifício’ da unicidade. 2 Um retrato da desunião completa e da total falta de encontro. 3 Em torno de cada entidade é construída uma muralha aparentemente tão sólida, que se tem a impressão de que o que se encontra do lado de dentro nunca poderá alcançar o que está do lado de fora e o que está fora jamais poderá alcançar e se unir ao que está trancado lá dentro. 4 Cada parte tem que sacrificar a outra para manter-se completa. 5 Pois se elas se unissem, cada uma perderia a sua própria identidade e os seus seres são preservados através da sua separação.

T-26.I.3. O pouco que o corpo cerca torna-se o ser, preservado com o sacrifício de todo o resto. 2 E todo o resto tem que perder essa pequena parte, permanecendo incompleto para manter intacta essa identidade. 3 Nessa percepção de ti mesmo, a perda do corpo seria de fato um sacrifício. 4 Pois ver corpos vem a ser o sinal de que o sacrifício é limitado e alguma coisa ainda continua sendo só para ti. 5 E para que esse pouco te pertença, são traçados limites para todas as coisas do lado de fora, assim como há limites em todas as coisas que pensas que são tuas. 6 Pois dar e receber são a mesma coisa. 7 E aceitar os limites de um corpo é impor esses limites a cada irmão que vês. 8 Pois não podes deixar de vê-lo assim como vês a ti mesmo.

T-26.I.4. O corpo é uma perda e *pode* ser sacrificado. 2 E enquanto vês o teu irmão como um corpo, à parte de ti e separado em sua cela, estás exigindo um sacrifício dele e de ti mesmo. 3 Que sacrifício maior se poderia pedir do que fazer com que o Filho de Deus se perceba sem seu Pai? 4 E seu Pai sem Seu Filho? 5 No entanto, todo sacrifício exige que eles estejam separados, um sem o outro. 6 A memória de Deus tem que ser negada se alguém pede qualquer sacrifício de qualquer pessoa. 7 Que testemunho da integridade do Filho de Deus é visto dentro de um mundo de corpos separados, por mais que ele testemunhe a verdade? 8 Ele é invisível em tal mundo. 9 Do mesmo modo não se pode ouvir nada da sua canção de união e de amor. 10 No entanto, é dado a ele fazer o mundo retroceder diante da sua canção e vê-lo substitui os olhos do corpo.

T-26.I.5. Aqueles que querem ver os testemunhos da verdade ao invés dos testemunhos das ilusões, meramente pedem que sejam capazes de ver um propósito no mundo que lhe dê sentido e que o torne significativo. 2 Sem a tua função especial, esse mundo não tem significado para ti. 3 Entretanto, ele pode vir a ser a casa do tesouro tão rica e ilimitada quanto o próprio Céu. 4 Nenhum instante se passa aqui sem que a santidade do teu irmão possa ser vista, para acrescentar um estoque sem limites a todo mísero resto ou migalha de felicidade que tu te permites.

T-26.I.6. Podes perder de vista a unicidade, mas não podes sacrificar a sua realidade. 2 E nem podes perder aquilo que queres sacrificar, nem impedir que o Espírito Santo realize a Sua tarefa de te mostrar que aquilo não foi perdido. 3 Ouve, então, a canção que o teu Irmão canta para ti, deixa que o mundo retroceda e aceita o descanso que o seu testemunho te oferece em nome da paz. 4 Mas não o julgues, pois não ouvirás nenhuma canção de liberação para ti mesmo, nem verás o que é dado a ele testemunhar para que possas vê-lo e regozijar-

te com ele. 5 Não faças da sua santidade um sacrifício à tua crença no pecado. 6 Sacrificas a tua inocência junto com a sua e morres a cada vez que vês nele um pecado que mereça a morte.

T-26.I.7. Entretanto, a cada instante tu podes renascer e receber a vida outra vez. 2 A sua santidade te dá vida, pois não podes morrer porque a sua impecabilidade é conhecida por Deus e não pode ser sacrificada por ti do mesmo modo que a luz em ti não pode se apagar porque ele não a vê. 3 Tu, que queres fazer da vida um sacrifício e farias com que os teus olhos e ouvidos testemunhassem a morte de Deus e de Seu Filho santo, não penses que tens poder para fazer Deles o que não é a Vontade de Deus para Eles. 4 No Céu, o Filho de Deus não está aprisionado em um corpo, nem é sacrificado para o pecado na solidão. 5 E assim como ele é no Céu, assim tem que ser eternamente e em toda parte. 6 Ele é o mesmo e o será para sempre. 7 Nascido de novo a cada instante, intocado pelo tempo e muito além do alcance de qualquer sacrifício de vida ou morte. 8 Pois ele não fez nenhuma das duas e só uma lhe foi dada por Aquele Que sabe que Suas dádivas jamais poderão sofrer qualquer sacrifício ou qualquer perda.

T-26.I.8. A justiça de Deus repousa gentilmente em Seu Filho e o mantém a salvo de toda injustiça que o mundo quer colocar sobre ele. 2 Seria possível fazeres com que os seus pecados fossem realidade e sacrificares a Vontade do seu Pai para ele? 3 Não o condenes vendo-o dentro de uma prisão que está apodrecendo, onde ele se vê. 4 É tua função especial garantir que a porta seja aberta para que ele possa dar um passo à frente e derramar sua luz sobre ti devolvendo-te a dádiva da liberdade por recebê-la de ti. 5 Qual é a função especial do Espírito Santo, senão a de liberar o Filho santo de Deus da prisão que ele fez para manter-se afastado da justiça? 6 Seria possível que a tua função fosse uma tarefa à parte e separada da Sua?

T-26.II. Muitas formas, uma correção

T-26.II.1. Não é difícil compreender as razões pelas quais não pedes ao Espírito Santo que solucione todos os problemas para ti. 2 Ele não tem maior dificuldade para resolver alguns do que para resolver outros. 3 Todo problema é o mesmo para Ele, porque cada um é resolvido exatamente com o mesmo enfoque e através da mesma abordagem. 4 Os aspectos que necessitam de solução não mudam, qualquer que seja a forma que o problema pareça tomar. 5 Um problema pode aparecer em várias formas e o fará enquanto o problema persistir. 6 Não serve a propósito algum tentar resolvê-lo em uma de suas formas especiais. 7 Ele ocorrerá e depois recorrerá uma e outra vez, até que tenha sido respondido para todo o sempre e então não surgirá de novo em forma alguma. 8 E só nesse caso estás liberado.

T-26.II.2. O Espírito Santo te oferece liberação de qualquer problema que pensas que tens. 2 Eles são o mesmo para Ele porque cada um, independentemente da forma que parece tomar, é um pedido para que alguém sofra alguma perda e faça algum sacrifício de modo que tu ganhes. 3 E quando a situação é trabalhada de forma tal que ninguém perca, o problema se vai, porque era um erro na percepção que foi agora corrigido. 4 Um equívoco não pode ser mais difícil de ser conduzido à verdade por Ele do que um outro. 5 Pois não existe *senão* um equívoco: toda a idéia de que a perda é possível e poderia resultar em ganho para alguém. 6 Então, se isso fosse verdadeiro, Deus seria injusto, o pecado seria possível, o ataque justificado e a vingança justa.

T-26.II.3. Esse único equívoco, em qualquer forma, tem uma única correção. 2 Não há perda; pensar que há é um equívoco. 3 Tu não tens problemas, embora penses que tens. 4 E no entanto, não pensaria, assim se os visses sumir um por um, sem levar em conta seu tamanho, complexidade, local ou tempo, ou qualquer outro atributo que percebas que faz cada um parecer diferente do outro. 5 Não penses que os limites que impões ao que tu vês podem limitar Deus de alguma forma.

T-26.II.4. O milagre da justiça pode corrigir todos os erros. 2 Todo problema é um erro. 3 É uma injustiça para com o Filho de Deus e, portanto, não é verdadeiro. 4 O Espírito Santo não avalia as injustiças como grandes ou pequenas, maiores ou menores. 5 Elas não têm nenhuma característica para Ele. 6 São equívocos dos quais o Filho de Deus está sofrendo, mas sem necessidade. 7 E assim Ele remove os espinhos e os cravos. 8 Ele não faz uma pausa para julgar se o ferimento é grande ou pequeno. 9 Faz apenas um julgamento: ferir o Filho de Deus é necessariamente injusto e, portanto, isso não é assim.

T-26.II.5. Tu, que acreditas que é seguro entregar apenas alguns equívocos para serem corrigidos, enquanto guardas outros para ti mesmo, lembra-te disso: a justiça é total. 2 Justiça parcial não existe. 3 Se o Filho de

Deus é culpado, então ele é condenado e não merece misericórdia do Deus da justiça. 4 Mas não peças a Deus para puni-lo pelo fato de tu o considerares culpado e queres que ele morra. 5 Deus te oferece os meios para ver a sua inocência. 6 Seria justo puni-lo porque tu não queres olhar para o que lá está para ser visto? 7 Cada vez que guardas um problema para resolvê-lo por ti mesmo, ou julgas que não tem solução, fazes dele um grande problema, além da esperança da cura. 8 Negas que o milagre da justiça possa ser justo.

T-26.II.6. Se Deus é justo, então não podem existir problemas que a justiça não possa solucionar. 2 Mas acreditas que algumas injustiças são justas, boas e necessárias para preservar-te. 3 São esses os problemas que consideras grandes e sem solução. 4 Pois existem aquelas pessoas que queres que sofram alguma perda e ninguém que queiras preservar inteiramente do sacrifício. 5 Considera uma vez mais a tua função especial. 6 Uma pessoa te é dada para que vejas nela a sua perfeita impecabilidade. 7 E tu não vais lhe pedir nenhum sacrifício, porque não poderias querer que ela sofresse qualquer perda. 8 O milagre da justiça que invocas virá pousar em ti com tanta certeza quanto nela. 9 O Espírito Santo também não estará contente enquanto não for recebido por todos. 10 Pois o que dás a Ele pertence a todos e, através da tua doação, Ele pode garantir que todos a recebam igualmente.

T-26.II.7. Pensa, então, em como será grande a tua liberação quando estiveres disposto a receber a correção de todos os teus problemas. 2 Não guardarás nenhum deles, pois não irás querer dor em forma alguma. 3 E verás cada pequeno ferimento sanado diante da vista gentil do Espírito Santo. 4 Pois todos eles são pequenos na Sua vista e não valem mais do que um diminuto suspiro antes de desaparecerem para serem desfeitos para sempre e nunca mais lembrados. 5 O que antes parecia ser um problema especial, um equívoco sem remédio ou uma aflição sem cura, foi transformado em uma bênção universal. 6 O sacrifício se foi. 7 E no seu lugar, o Amor de Deus pode ser lembrado e brilhará afastando toda a memória de sacrifício e perda.

T-26.II.8. Deus não pode ser lembrado enquanto a justiça não for amada, ao invés de temida. 2 Ele é incapaz de ser injusto para com qualquer pessoa ou coisa, porque sabe que tudo o que existe pertence a Ele e para sempre será conforme Ele o criou. 3 Nada do que Ele ama pode deixar de ser sem pecado e estar além do ataque. 4 A tua função especial abre de par em par a porta além da qual está a memória do Seu Amor, mantida perfeitamente intacta e sem mancha. 5 E tudo o que precisas fazer é desejar que o Céu te seja dado no lugar do inferno e cada tranca ou barreira que parece manter a porta trancada com firmeza impedindo a passagem meramente se desfará e desaparecerá. 6 Pois não é a Vontade do teu Pai que ofereças ou recebas menos do que Ele deu, quando te criou, em perfeito amor.

T-26.III. A zona da fronteira

T-26.III.1. A complexidade não é de Deus. 2 Como poderia ser, quando tudo o que Ele conhece é uno? 3 Ele conhece uma criação, uma realidade, uma verdade e apenas um Filho. 3 Nada entra em conflito com a unicidade. 4 Como poderia, então, haver complexidade Nele? 5 O que há para decidir? 6 Pois é o conflito que faz com que a escolha seja possível. 7 A verdade é simples, ela é una, sem opostos. 8 E como poderia a discórdia se introduzir em sua simples presença e trazer complexidade aonde está a unicidade? 9 A verdade não toma quaisquer decisões, pois não há opções entre as quais decidir. 10 E só se houvesse é que a escolha poderia ser um passo necessário para avançar rumo à unicidade. 11 O que é tudo não deixa espaço para nenhuma outra coisa. 12 Entretanto, essa magnitude está além do alcance deste currículo. 13 Também não há necessidade de tratarmos de algo que não pode ser imediatamente apreendido.

T-26.III.2. Existe uma região fronteira do pensamento que se encontra entre esse mundo e o Céu. 2 Não é um lugar e quando a alcanças, ela está à parte do tempo. 3 Aqui é o ponto de encontro onde os pensamentos são trazidos para se encontrarem, onde os valores conflitantes se encontram e onde todas as ilusões são largadas ao lado da verdade, onde são julgadas como não sendo verdadeiras. 4 Essa terra fronteira situa-se logo depois da porta do Céu. 5 Aqui, todo pensamento se faz puro e totalmente simples. 6 Aqui, o pecado é negado e tudo que existe é recebido no seu lugar.

T-26.III.3. Esse é o fim da jornada. 2 Temos nos referido a ele como o mundo real. 3 No entanto, existe aqui uma contradição, pelo fato de que as palavras implicam uma realidade limitada, uma verdade parcial, um segmento do universo que se tornou verdadeiro. 4 Isso se dá porque o conhecimento não ataca a percepção de forma alguma. 5 Eles são levados a se encontrar e só um dos dois continua além da porta onde está a Unicidade.

6 A salvação é uma fronteira onde o lugar, o tempo e a escolha ainda têm significado e, apesar disso, pode-se ver que são temporários, deslocados e que todas as escolhas já foram feitas.

T-26.III.4. Nada daquilo em que o Filho de Deus acredita pode ser destruído. 2 Mas, o que é verdade para ele tem que ser trazido à última comparação que ele algum dia fará, à última avaliação possível, ao julgamento final a respeito desse mundo. 3 É o julgamento da ilusão pela verdade, da percepção pelo conhecimento: 'Isso não tem significado e não existe.' 4 Essa não é a tua decisão. 5 É apenas uma simples afirmação de um fato simples. 6 Mas nesse mundo não existem fatos simples, porque o que é o mesmo e o que é diferente ainda não é claro. 7 A única coisa essencial para se fazer qualquer escolha é essa distinção. 8 E nisso está a diferença entre os mundos. 9 Nesse, a escolha se fez impossível. 10 No mundo real, escolher é simplificado.

T-26.III.5. A salvação pára bem perto do Céu, pois só a percepção necessita de salvação. 2 O Céu nunca foi perdido e, portanto, não pode ser salvo. 3 Entretanto, quem é capaz de tomar uma decisão entre o desejo do Céu e o desejo do inferno, a não ser que reconheça que eles não são o mesmo? 4 Essa diferença é a meta do aprendizado que esse curso estabeleceu. 5 Ele não irá além deste objetivo. 6 Seu único propósito é ensinar o que é o mesmo e o que é diferente, abrindo espaço para que seja feita a única escolha que se pode fazer.

T-26.III.6. Não existe nenhuma base para qualquer escolha nesse mundo complexo e super-complicado. 2 Pois ninguém compreende o que é o mesmo e parece escolher onde, na realidade, não existe nenhuma escolha. 3 O mundo real é a área na qual a escolha se faz real, não no resultado, mas na percepção das alternativas para a escolha. 4 Que exista escolha é uma ilusão. 5 Entretanto, dentro dessa única está o desfazer de todas as outras, inclusive essa.

T-26.III.7. Não vês que isso é como a tua função especial, onde a separação é desfeita através da mudança do propósito naquilo que antes era especialismo e agora é união? 2 Todas as ilusões são apenas uma só. 3 E no reconhecimento de que isso é assim, está a capacidade de desistir de todas as tentativas de escolher entre elas para fazer com que sejam diferentes. 4 Como é simples a escolha entre duas coisas tão claramente distintas. 5 Não há conflito aqui. 6 Nenhum sacrifício é possível no abandono de uma ilusão reconhecida como tal. 7 Quando toda a realidade tiver sido retirada de tudo o que nunca foi verdadeiro, pode ser difícil desistir disso e escolher o que *não pode deixar de ser verdadeiro*?

T-26.IV. O espaço que o pecado deixou

T-26.IV.1. O perdão é o equivalente que existe nesse mundo para a justiça no Céu. 2 Ele traduz o mundo do pecado em uma simples palavra, onde se pode ver o reflexo da justiça que vem de além da porta atrás da qual está a ausência total de limites. 3 Nada no amor sem limites poderia necessitar de perdão. 4 E o que é caridade dentro desse mundo cede lugar à simples justiça depois da porta que se abre para o Céu. 5 Ninguém perdoa a não ser que tenha acreditado no pecado e ainda acredite que tem muito a ser perdoado. 6 O perdão assim vem a ser o meio pelo qual ele aprende que nada fez que precise ser perdoado. 7 O perdão sempre está naquele que o oferece, até que ele se veja como não tendo mais necessidade de ser perdoado. 8 E deste modo ele é devolvido à sua função real de criar, que o seu perdão lhe oferece de novo.

T-26.IV.2. O perdão faz com que o mundo do pecado venha a ser um mundo de glória, maravilhoso de se ver. 2 Cada flor brilha na luz e cada pássaro canta a alegria do Céu. 3 Não existe tristeza e não existe separação aqui, pois todas as coisas são totalmente perdoadas. 4 E o que foi perdoado tem que se unir, pois nada se interpõe entre eles para mantê-los separados e à parte. 5 Os que não têm pecado não podem deixar de perceber que são um só, pois nada existe entre eles que empurre o outro para longe. 6 E no espaço que o pecado deixou vazio, eles se unem como um só em contentamento, reconhecendo que o que é parte deles não foi mantido à parte nem separado.

T-26.IV.3. O local santo onde tu estás é simplesmente o espaço que o pecado deixou. 2 E aqui vês a face de Cristo, surgindo em seu lugar. 3 Quem poderia contemplar a face de Cristo e não se lembrar de Seu Pai como Ele realmente é? 4 Quem poderia ter medo do amor e estar no lugar onde o pecado deixou um espaço para que o altar do Céu se erga em torres bem acima do mundo e alcance o que está além do universo para tocar o Coração de toda a criação? 5 O que é o Céu senão uma canção de agradecimento, de amor e de louvor por todas as coisas criadas à Fonte da sua criação? 6 O altar mais santo é erguido onde antes se acreditava que o pecado

estivesse. 7 E aqui vêm todas as luzes do Céu para se reabastecer e aumentar em alegria. 8 Pois aqui, o que estava perdido é devolvido a elas e toda a sua radiância vem a ser íntegra outra vez.

T-26.IV.4. Os milagres que o perdão traz para serem depositados diante da porta do Céu não são pequenos. 2 Aqui, o próprio Filho de Deus vem receber cada uma das dádivas que o aproxima cada vez mais de sua casa. 3 Nenhuma delas é perdida e nenhuma é mais valorizada do que outra. 4 Cada uma lembra a ele o Amor do seu Pai com tanta certeza quanto as outras. 5 E cada uma lhe ensina que o que ele temia é o que mais ama. 6 Que outra coisa, além de um milagre, poderia fazer com que ele mudasse a sua mente de tal modo que passasse a compreender que o amor não pode ser temido? 7 Que outro milagre existe além deste? 8 E o que mais é preciso para fazer com que o espaço entre vós desapareça?

T-26.IV.5. Onde o pecado antes era percebido surgirá um mundo que virá a ser um altar à verdade e lá unir-te-ás às luzes do Céu e cantarás a sua canção de gratidão e louvor. 2 E na medida em que vêm a ti para serem completas, tu irás com elas. 3 Pois ninguém ouve a canção do Céu e permanece sem uma voz que acrescente o seu poder à canção, fazendo com que ela seja ainda mais doce. 4 E cada um se une ao canto no altar erguido dentro da mancha diminuta que o pecado proclamou ser propriedade dele. 5 E o que então era diminuto ressoa com a magnitude de uma canção na qual todo o universo se uniu com apenas uma única Voz.

T-26.IV.6. O ponto diminuto de pecado que ainda se encontra entre tu e o teu irmão está impedindo a feliz abertura da porta do Céu. 2 Como é pequeno o obstáculo que mantém a riqueza do Céu longe de ti. 3 E como será grande a alegria no Céu quando te unires ao grandioso coro ao Amor de Deus!

T-26.V. O pequeno obstáculo

T-26.V.1. Um pequeno obstáculo pode parecer, de fato, grande para aqueles que não compreendem que todos os milagres são o mesmo. 2 Entretanto, esse curso existe para ensinar isso. 3 Esse é o seu único propósito, pois isso é tudo o que existe para ser aprendido. 4 E podes aprendê-lo de muitos modos diferentes. 5 Todo aprendizado é uma ajuda ou um obstáculo para chegares à porta do Céu. 6 Não existe nenhum intermediário que seja possível. 7 Existem dois professores apenas que apontam para caminhos diferentes. 8 E seguirás o caminho que o professor que tiveres escolhido te apontar. 9 Não existem senão duas direções que possas tomar enquanto o tempo permanece e a escolha tem significado. 10 Pois nunca será feita uma outra estrada, exceto o caminho para o Céu. 11 Tu apenas escolhes se deves ir na direção do Céu ou para longe dele, para lugar nenhum. 12 Não há mais nada a escolher.

T-26.V.2. Nada jamais se perde a não ser o tempo, que no final não tem significado. 2 Pois ele não é senão um pequeno obstáculo à eternidade, bastante insignificante para o Professor real do mundo. 3 No entanto, uma vez que acreditas nele, por que deverias perdê-lo dirigindo-te a lugar nenhum, quando ele pode ser usado para alcançar a meta mais elevada que o aprendizado pode realizar? 4 Não penses que o caminho até a porta do Céu seja difícil. 5 Nada que empreendas com propósito certo, resolução firme e alegre confiança, segurando a mão do teu irmão e marcando passo no ritmo da canção do Céu, é difícil de fazer. 6 Mas, de fato, é duro vagar sozinho e miserável, descendo uma estrada que não leva a nada e que não tem propósito.

T-26.V.3. Deus deu o Seu Professor para substituir o professor que fizeste, não para entrar em conflito com ele. 2 E o que Ele quer substituir, foi substituído. 3 O tempo não durou senão um instante em tua mente, sem nenhum efeito sobre a eternidade. 4 E assim todo o tempo é o passado e todas as coisas são exatamente como eram antes que fosse feito o caminho para o nada. 5 O diminuto tic-tac do tempo no qual foi feito o primeiro equívoco e todos eles dentro desse único, também continha a Correção daquele equívoco e de todos os que vieram dentro do primeiro. 6 E naquele instante diminuto o tempo desapareceu, pois isso foi tudo o que ele jamais foi. 7 Aquilo a que Deus deu uma resposta foi respondido e desapareceu.

T-26.V.4. A ti, que ainda acreditas que vives no tempo e não sabes que ele se foi, o Espírito Santo ainda guia através do labirinto infinitamente pequeno e sem sentido que ainda percebes no tempo, embora ele tenha desaparecido há muito. 2 Pensas que vives no que é passado. 3 Cada coisa que olhas, não viste senão por um instante, há muito tempo atrás, antes que a sua irrealidade desse lugar à verdade. 4 Nenhuma ilusão permanece ainda sem resposta na tua mente. 5 A incerteza foi trazida à certeza há tanto tempo que é, de fato, duro mantê-la junto ao teu coração como se ainda estivesse diante de ti.

T-26.V.5. O instante diminuto que queres guardar e fazer com que seja eterno passou e sumiu no Céu depressa demais para que se pudesse notar que ele tivesse vindo. 2 O que desapareceu tão rápido que nem pôde afetar o simples conhecimento do Filho de Deus dificilmente pode ainda encontrar-se lá, para que tu o escolhas como teu professor. 3 Só no passado – um passado remoto, por demais curto para fazer um mundo em resposta à criação – esse mundo pareceu surgir. 4 Há tanto, tanto tempo atrás, por um intervalo de tempo tão diminuto, que nenhuma nota na canção do Céu se perdeu. 5 No entanto, em cada ato ou pensamento sem perdão, em cada julgamento e em toda a crença no pecado esse único instante ainda é chamado de volta, como se ele pudesse ser reconstituído no tempo. 6 Guardas diante dos olhos uma memória antiga. 7 E aquele que vive apenas em memórias não está ciente de onde está.

T-26.V.6. O perdão é o grande liberador do tempo. 2 É a chave para se aprender que o passado se foi. 3 A loucura não fala mais. 4 Não há nenhum outro professor e nenhum outro caminho. 5 Pois o que foi desfeito já não mais existe. 6 E quem pode se encontrar em uma costa distante e sonhar consigo mesmo como se estivesse do outro lado do oceano, em um tempo e lugar que há muito já desapareceram? 7 Em que medida esse sonho pode ser um obstáculo real para o lugar aonde ele realmente está? 8 Pois isso é fato e não muda, quaisquer que sejam os sonhos que ele tenha. 9 Contudo, ele ainda pode imaginar que está em outro lugar e em outro tempo. 10 Nas formas extremas, ele pode se deludir a ponto de acreditar que isso é verdadeiro e passar de mera imaginação a ser algo no qual ele acredita e depois à loucura, extremamente convencido de que *está* onde prefere estar.

T-26.V.7. Isso é um obstáculo para o lugar onde ele se encontra? 2 Qualquer eco do passado que ele possa ouvir por acaso é um fato no que existe para ser ouvido onde ele está agora? 3 E em que medida podem as suas ilusões acerca de tempo e espaço efetuar uma mudança onde ele realmente está?

T-26.V.8. O que não foi perdoado é uma voz que chama de um passado que se foi para sempre. 2 E todas as coisas que apontam para ele como se fosse real não passam de um desejo de que o que passou possa tornar-se real outra vez e ser visto como aqui e agora, no lugar do que é *realmente* agora e aqui. 3 É isso um obstáculo à verdade de que o passado se foi e não pode voltar para ti? 4 E queres guardar aquele instante amedrontador, quando o Céu aparentemente desapareceu e Deus foi temido e veio a ser feito como um símbolo do teu ódio?

T-26.V.9. Esquece o tempo do terror que há tanto tempo foi corrigido e desfeito. 2 É possível que o pecado enfrente a Vontade de Deus? 3 Pode depender de ti ver o passado e colocá-lo no presente? 4 *Não* podes voltar atrás. 5 E todas as coisas que apontam o caminho na direção do passado apenas colocam para ti uma missão cuja realização só pode ser irreal. 6 Tal é a justiça que o teu Pai, que é Todo Amor, garantiu que tem que vir a ti. 7 E da tua própria falta de equidade contigo mesmo, Ele te protegeu. 8 Não podes perder o teu caminho porque não existe caminho que não seja o Seu e nenhum lugar a que possas ir a não ser a Ele.

T-26.V.10. Permitiria Deus que Seu Filho perdesse o seu caminho em uma estrada muito tempo depois da memória do tempo ter passado? 2 Esse curso só vai te ensinar o que é agora. 3 Um instante terrível no passado distante, agora perfeitamente corrigido, não causa preocupação nem tem valor. 4 Permite que os mortos que se foram sejam esquecidos em paz. 5 A ressurreição veio para tomar o seu lugar. 6 E agora fazes parte da ressurreição e não da morte. 7 Nenhuma ilusão passada tem o poder de te manter em um lugar de morte, uma câmara mortuária em que o Filho de Deus penetrou por um instante para ser instantaneamente devolvido ao Amor perfeito de seu Pai. 8 E como é possível que ele seja mantido em correntes que há muito foram removidas e desapareceram para sempre da sua mente?

T-26.V.11. O Filho, a quem Deus criou, é tão livre quanto era quando Deus o criou. 2 Ele renasceu no instante em que escolheu morrer ao invés de viver. 3 E tu não irás perdoá-lo agora porque ele fez um erro no passado, do qual Deus não se lembra e que não está presente? 4 Agora estás te deslocando para trás e para frente entre o passado e o presente. 5 Algumas vezes o passado parece real, como se *fora* o presente. 6 Vozes do passado são ouvidas e, então, se duvida. 7 Tu te pareces com alguém que ainda tem alucinações, mas a quem falta convicção naquilo que percebe. 8 Essa é a zona fronteira entre os mundos, a ponte entre o passado e o presente. 9 Aqui, a sombra do passado permanece, mas ainda assim uma luz presente é vagamente reconhecida. 10 Uma vez que é vista, essa luz não pode nunca ser esquecida. 11 Ela não pode deixar de atrair-te do passado para o presente, onde realmente estás.

T-26.V.12. As vozes das sombras não mudam as leis do tempo nem da eternidade. 2 Elas vêm daquilo que é passado e se foi e não obstruem a verdadeira existência do aqui e agora. 3 O mundo real é a segunda parte da alucinação segundo a qual o tempo e a morte são reais e têm uma existência que pode ser percebida. 4 Essa terrível ilusão foi negada em nada mais do que o tempo que Deus levou para dar a Sua Resposta à ilusão por todos os tempos e em quaisquer circunstâncias. 5 E a partir e então ela não mais existiu para ser vivenciada como se fosse o presente.

T-26.V.13. A cada dia e em cada minuto de cada dia e em cada instante que cada minuto contém, tu apenas revives o único instante em que o tempo do terror tomou o lugar do amor. 2 E assim morres a cada dia para viver outra vez, até que atraveses a brecha entre o passado e o presente, que não é absolutamente uma brecha. 3 Assim é cada vida: um aparente intervalo do nascimento à morte e mais uma vez à vida, uma repetição de um instante que se foi há muito e que não pode ser revivido. 4 E tudo o que existe do tempo não passa da crença louca segundo a qual o que passou ainda está aqui e agora.

T-26.V.14. Perdoa o passado e deixa-o ir, pois ele já se *foi*. 2 Tu já não te encontras na terra que está entre os dois mundos. 3 Foste adiante e alcançaste o mundo que está na porta do Céu. 4 Não existe nenhum obstáculo para a Vontade de Deus, nem existe necessidade alguma de que mais uma vez repitas a jornada que terminou há tanto tempo atrás. 5 Olha gentilmente para o teu irmão e contempla o mundo no qual a percepção do teu ódio foi transformada em um mundo de amor.

T-26.VI. O Amigo indicado

T-26.VI.1. Qualquer coisa nesse mundo que acredites seja boa, de valor e digna de se lutar por ela, pode te ferir e o fará. 2 Não porque tenha o poder de ferir, mas apenas porque negaste que ela não passa de uma ilusão e fizeste com que fosse real. 3 E é real para ti. 4 Ela deixou de ser nada. 5 E através da realidade que é percebida nela introduziu-se todo o mundo das ilusões doentias. 6 Toda crença no pecado, no poder do ataque, no ferimento e no dano, no sacrifício e na morte, veio a ti. 7 Pois ninguém pode fazer com que uma única ilusão seja real e escapar ao resto. 8 Pois quem pode escolher manter aquelas que prefere e achar a segurança que só a verdade pode dar? 9 Quem pode acreditar que todas as ilusões são a mesma e ainda assim afirmar que uma delas é melhor?

T-26.VI.2. Não leves a tua pequena vida em solidão, com uma ilusão como teu único amigo. 2 Essa amizade não é digna do Filho de Deus e nem poderia ele permanecer contente. 3 Entretanto, Deus deu a ele um Amigo melhor, no qual descansa todo o poder na terra e no Céu. 4 Aquela única ilusão que consideras amiga, obscurece a Sua graça e a Sua majestade para ti e afasta a Sua amizade e o Seu perdão do teu abraço de boas-vindas. 5 Sem Ele, não tens amigos. 6 Não busques outro amigo para tomar o Seu lugar. 7 Não existe nenhum outro amigo. 8 O que Deus designou não tem substitutos, pois que ilusão é capaz de substituir a verdade?

T-26.VI.3. Aquele que habita com as sombras está sozinho, de fato, e a solidão não é a Vontade de Deus. 2 Permitirias que uma sombra usurpasse o trono que Deus designou para o teu Amigo, se apenas conhecesses que por ele estar vazio o teu ficou vago e desocupado? 3 Não faças de nenhuma ilusão um amigo, pois se o fizeres, ela não pode deixar de tomar o lugar Daquele Que Deus chamou teu Amigo. 4 E é Ele o teu único Amigo na verdade. 5 Ele te traz dádivas que não são desse mundo e somente Ele, a Quem elas foram dadas, pode garantir que tu as receba. 6 Ele as colocará no teu trono quando deres lugar a Ele no Seu.

T-26.VII. As leis da cura

T-26.VII.1. Esse é um curso em milagres. 2 Como tal, as leis da cura têm que ser compreendidas antes que o propósito do curso possa ser realizado. 3 Vamos rever os princípios que colocamos e organizá-los de uma forma que resuma tudo o que é preciso que aconteça para que a cura seja possível. 4 Pois uma vez que é possível, ela não pode deixar de ocorrer.

T-26.VII.2. Toda doença vem da separação. 2 Quando a separação é negada, ela se vai. 3 Pois se vai assim que a idéia que a trouxe é curada e substituída pela sanidade. 4 A doença e o pecado são vistos como consequência e causa, em um relacionamento que é mantido fora da consciência para que ele possa ser cuidadosamente preservado da luz da razão.

T-26.VII.3. A culpa pede punição e o seu pedido é concedido. 2 Não na verdade, mas no mundo de sombras e ilusões construído sobre o pecado. 3 O Filho de Deus percebeu o que ele queria ver porque a percepção é um desejo realizado. 4 A percepção muda, tendo sido feita para tomar o lugar do conhecimento imutável. 5 No entanto, a verdade não muda. 5 Ela não pode ser percebida, mas apenas conhecida. 6 O que é percebido toma muitas formas, mas nenhuma tem significado. 7 Trazido à verdade, a sua falta de sentido é bem evidente. 8 Mantido à parte da verdade, parece ter significado e ser real.

T-26.VII.4. As leis da percepção são opostas à verdade e o que é verdadeiro com relação ao conhecimento não é verdadeiro com relação a coisa alguma que esteja à parte dele. 2 Entretanto, Deus deu uma resposta ao mundo da doença que se aplica a todas as suas formas. 3 A resposta de Deus é eterna, embora trabalhe no tempo, onde é necessária. 4 Entretanto, porque ela é de Deus, as leis do tempo não afetam as suas obras. 5 Ela está nesse mundo, mas não é parte dele. 6 Pois é real e habita onde toda a realidade tem que estar. 7 Idéias não deixam a sua fonte e os seus efeitos apenas parecem estar à parte delas. 8 Idéias são da mente. 9 O que é projetado para fora parece ser externo à mente, não está fora em absoluto, mas é um efeito do que está dentro e não deixou a sua fonte.

T-26.VII.5. A resposta de Deus está onde a crença no pecado tem que estar, pois só lá os seus efeitos podem ser completamente desfeitos e deixar de ter causa. 2 As leis da percepção têm que ser revertidas, pois *são* reversões das leis da verdade. 3 As leis da verdade serão verdadeiras para sempre e não podem ser revertidas; no entanto, podem ser vistas de cabeça para baixo. 4 E isso tem que ser corrigido exatamente onde está a ilusão da reversão.

T-26.VII.6. É impossível que uma ilusão seja menos passível de ser conduzida à verdade do que as outras. 2 Mas é possível que para algumas seja dado maior valor, e essas têm menos disposição de oferecer à verdade para serem curadas e ajudadas. 3 Nenhuma ilusão contém qualquer verdade em si mesma. 4 No entanto, algumas parecem ser mais verdadeiras do que outras, embora isso claramente não faça sentido algum. 5 Tudo o que uma hierarquia de ilusões pode revelar é preferência, não realidade. 6 Que relevância tem a preferência para a verdade? 7 Ilusões são ilusões e são falsas. 8 A tua preferência não lhes confere realidade. 9 Nenhuma delas é verdadeira em nenhum aspecto e todas têm que se render com a mesma facilidade àquilo que Deus deu como resposta para todas elas. 10 A Vontade de Deus é uma só. 11 E qualquer desejo que pareça ir contra a Sua Vontade não tem fundamento na verdade.

T-26.VII.7. O pecado não é erro, pois ele vai além da correção para a impossibilidade. Entretanto, a crença em que o pecado é real fez com que alguns erros parecessem estar para sempre além da esperança de serem curados, sendo justificativas permanentes para o inferno. Se isso fosse assim, ao Céu se oporia a própria oposição celeste, tão real quanto ele. E então a Vontade de Deus estaria partida em duas e toda a criação estaria sujeita às leis de dois poderes opostos, até que Deus se tornasse impaciente, partisse o mundo em dois e relegasse o ataque a Si Mesmo. Nesse caso, Ele de fato teria enlouquecido, proclamando que o pecado usurpou a Sua realidade e afinal trouxe o Seu Amor para ser depositado aos pés da vingança. Para um retrato de tal modo insano, se espera uma defesa insana, mas ela não pode determinar que tal retrato seja necessariamente verdadeiro.

T-26.VII.8. Nada confere significado onde não há significado. 2 E a verdade não necessita de defesas que façam com que ela seja verdadeira. 3 As ilusões não têm testemunhas e não têm efeitos. 4 Quem olha para elas apenas se ilude. 5 O perdão é a única função aqui e serve para trazer a alegria que esse mundo nega a cada aspecto do Filho de Deus onde se pensava que o pecado reinasse. 6 Talvez não vejas o papel que o perdão desempenha no término da morte de todas as crenças que surgem das névoas da culpa. 7 Os pecados são crenças que impões entre tu e o teu irmão. 8 Eles te limitam ao tempo e ao lugar e deixam um espaço pequeno para ti e outro espaço pequeno para ele. 9 Essa separação é simbolizada, na tua percepção, por um corpo que é claramente separado, uma coisa à parte. 10 Entretanto, o que esse símbolo representa não é senão o teu desejo de *ser* separado e à parte.

T-26.VII.9. O perdão retira aquilo que está entre tu e o teu irmão. 2 Ele é o desejo de que estejas unido a ele e não à parte. 3 Nós o chamamos ‘desejo’ porque ele ainda concebe outras escolhas e ainda não alcançou o que está inteiramente além do mundo das opções. 4 Entretanto, esse desejo está de acordo com o estado do Céu e não se opõe à Vontade de Deus. 5 Embora ele ainda não te dê a tua herança plena, remove os obstáculos que

colocaste entre o Céu, onde estás, e o reconhecimento de onde estás e do que és. 6 Os fatos não mudam. 7 Contudo, fatos podem ser negados e assim desconhecidos, embora fossem conhecidos antes de terem sido negados.

T-26.VII.10. A salvação, perfeita e completa, não pede senão um pequeno desejo de que o que é verdadeiro seja verdadeiro, um pouco de boa vontade para não ver o que não está presente, um pequeno suspiro que fale em favor do Céu como uma preferência em vez desse mundo no qual a morte e a desolação parecem reinar. 2 Em alegre resposta a isso a criação surgirá dentro de ti para substituir o mundo que vês pelo Céu totalmente perfeito e completo. 3 O que é o perdão senão uma disposição da vontade para que a verdade seja verdadeira? 4 O que pode permanecer incurado e quebrado em uma Unidade Que contém em Si todas as coisas? 5 Não existe pecado. 6 E todo milagre é possível no instante em que o Filho de Deus percebe que seus desejos e a Vontade de Deus são um só.

T-26.VII.11. O que é a Vontade de Deus? 2 A Sua Vontade é que Seu Filho tenha tudo. 3 E isso Ele garantiu quando o criou *sendo* tudo. 4 É impossível que qualquer coisa seja perdida, se o que *ten*s é o que *és*. 5 Esse é o milagre pelo qual a criação veio a ser a tua função, compartilhando-a com Deus. 6 Ela não é compreendida à parte Dele e, portanto, não tem significado nesse mundo. 7 Aqui, o Filho de Deus não pede muito, mas pouco demais. 8 Ele sacrificaria a sua própria identidade com todas as coisas, para achar um pequeno tesouro só seu. 9 E isso ele não pode fazer sem sentir isolamento, perda e solidão. 10 Esse é o tesouro que ele buscou achar. 11 E só poderia temê-lo. 12 É o medo um tesouro? 13 É possível que a incerteza seja o que queres? 14 Ou isso é um equívoco a respeito da tua vontade e do que realmente és?

T-26.VII.12. Vamos considerar o que é o erro, para que ele possa ser corrigido e não protegido. 2 O pecado é a crença em que o ataque pode ser projetado para fora da mente onde surgiu essa crença. 3 Aqui a firme convicção de que idéias podem deixar a sua própria fonte se faz real e significativa. 4 E desse erro surge o mundo do pecado e do sacrifício. 5 Esse mundo é uma tentativa de provar a tua inocência, enquanto valorizas o ataque. 6 O seu fracasso está no fato de que ainda te sentes culpado, embora não compreendas por quê. 7 Os efeitos são vistos como se fossem separados de sua fonte e parecem estar além do teu poder de controlá-los ou impedi-los. 8 O que é assim mantido à parte nunca pode unir-se.

T-26.VII.13. Causa e efeito não são duas coisas separadas, mas uma só. 2 Deus quer que aprendas o que sempre foi verdadeiro: que Ele te criou como parte Dele e isso ainda tem que ser verdadeiro porque idéias não deixam a sua fonte. 3 Tal é a lei da criação: que cada idéia que a mente concebe apenas adiciona à sua abundância, nunca tira coisa alguma. 4 Isso é tão verdadeiro em relação ao que é desejado de maneira vã, quanto ao que a vontade quer verdadeiramente, porque a mente pode desejar se enganar, mas não pode fazer de si própria o que não é. 5 E acreditar que idéias são capazes de deixar a sua fonte é convidar ilusões a serem verdadeiras, sem sucesso. 6 Pois nunca será possível ter sucesso na tentativa de enganar o Filho de Deus.

T-26.VII.14. O milagre é possível quando causa e consequência são reunidas e não mantidas separadas. 2 A cura dos efeitos sem a causa apenas pode deslocar os efeitos para outras formas. 3 E isso não é liberação. 4 O Filho de Deus jamais poderia contentar-se com menos do que a salvação plena e o escape da culpa. 5 De outro modo, ele ainda exige ter que fazer algum sacrifício e assim nega que tudo é seu, ilimitado por qualquer tipo de perda. 6 Um sacrifício diminuto é exatamente a mesma coisa, em seus efeitos, que toda a idéia de sacrifício. 7 Se qualquer forma de perda é possível, então o Filho de Deus se faz incompleto e não é ele mesmo. 8 E ele também não conhecerá a si mesmo nem reconhecerá a sua vontade. 9 Ele renegou o seu Pai e a si mesmo e fez de ambos seus inimigos no ódio.

T-26.VII.15. Ilusões servem ao propósito para o qual foram feitas. 2 E de seu propósito deriva qualquer significado que pareçam ter. 3 Deus deu a todas as ilusões que foram feitas outro propósito, que justificaria um milagre, qualquer que seja a forma que tenham tomado. 4 Em todo milagre está toda a cura, pois Deus respondeu a todas como uma só. 5 E o que é um para Ele tem que ser o mesmo. 6 Se acreditas que o que é o mesmo é diferente, tu apenas te enganas. 7 O que Deus chama como um só será para sempre um, não separado. 8 Seu Reino é unido, assim foi criado e assim será para sempre.

T-26.VII.16. O milagre apenas te chama pelo teu antigo Nome, o qual reconhecerás porque a verdade está na tua memória. 2 E por esse Nome o teu irmão te chama, para a sua liberação e a tua. 3 O Céu está brilhando

sobre o Filho de Deus. 4 Não o negues, para que possas ser liberado. 5 A cada instante o Filho de Deus renasce até que escolha não morrer mais. 6 Em cada desejo de ferir ele escolhe a morte em vez daquilo que é a Vontade do seu Pai para ele. 7 Porém, cada instante lhe oferece a vida porque a Vontade do seu Pai é que ele viva.

T-26.VII.17. Na crucificação está depositada a redenção, pois a cura não é necessária onde não existe dor nem sofrimento. 2 O perdão é a resposta para qualquer espécie de ataque. 3 Assim, o ataque é privado de seus efeitos e o ódio é respondido em nome do amor. 4 A ti, a quem foi dado salvar o Filho de Deus da crucificação, do inferno e da morte, toda a glória seja dada para sempre. 5 Pois tens poder para salvar o Filho de Deus porque foi essa a Vontade do seu Pai. 6 E nas tuas mãos está toda a salvação, para ser tanto oferecida a ele quanto recebida por ti como uma única coisa.

T-26.VII.18. Usar o poder que Deus te deu do mesmo modo como Ele o usaria é natural. 2 Não é arrogante ser como Ele te criou, nem fazer uso do que Ele deu para responder a todos os equívocos do Seu Filho e libertá-lo. 3 Mas é arrogante deixar de lado o poder que Ele te deu e escolher um pequeno desejo sem sentido no lugar da Sua Vontade. 4 A dádiva de Deus a ti é sem limites. 5 Não existe nenhuma circunstância à qual ela não possa responder e não existe nenhum problema que não se resolva dentro da sua luz amável.

T-26.VII.19. Habita em paz, onde Deus quer que estejas. 2 E sejas tu o meio pelo qual o teu irmão ache a paz na qual os teus desejos se realizem. 3 Vamos nos unir para trazer bênçãos ao mundo do pecado e da morte. 4 Pois o que pode salvar cada um de nós pode salvar a todos. 5 Não há diferença entre os Filhos de Deus. 6 A unidade que o especialismo nega irá salvá-los todos, pois o que é um não pode ter especialismo. 7 E tudo pertence a cada um. 8 Não existem desejos que se interponham entre um irmão e o que lhe é próprio. 9 Tirar de um é destituir a todos. 10 E, no entanto, abençoar apenas um dá a benção a todos em um só.

T-26.VII.20. O teu Nome antigo pertence a todos, assim como o de todos te pertence. 2 Chama pelo nome do teu irmão e Deus responderá, pois O chamas. 3 Poderia Ele recusar-Se a responder quando já respondeu a todos os que chamam por Ele? 4 Um milagre não pode fazer mudança alguma. 5 Mas pode fazer com que o que sempre foi verdadeiro seja reconhecido por aqueles que não têm conhecimento disso e, através dessa pequena dádiva da verdade, se permite que o que sempre foi verdadeiro seja o que é, que o Filho de Deus seja ele mesmo e que toda a criação seja libertada para invocar o Nome de Deus como um só.

T-26.VIII. A iminência da salvação

T-26.VIII.1. O único problema que permanece para ti é o fato de veres um intervalo entre o momento em que perdoas e o momento em que vais receber os benefícios de confiar em teu irmão. 2 Isso apenas reflete o pouco que tu queres manter entre tu e o teu irmão, de maneira que tu e ele possam ser um pouco separados. 3 Pois o tempo e o espaço são uma ilusão única, que toma formas diferentes. 4 Se foi projetada além da tua mente, pensas nela como tempo. 5 Quanto mais é trazida para perto de onde está a tua mente, tanto mais pensas nela em termos de espaço.

T-26.VIII.2. Há uma distância que queres manter em relação ao teu irmão, e esse espaço tu percebes como o tempo porque ainda acreditas que és exterior a ele. 2 Isso faz com que a confiança seja impossível. 3 E não podes acreditar agora que a confiança resolveria todos os problemas. 4 Assim, pensas que é mais seguro continuar sendo um tanto cuidadoso, velando um pouco pelos interesses que são percebidos como separados. 5 A partir dessa percepção, não podes conceber ganhar o que o perdão oferece agora. 6 O intervalo que pensas que existe entre o dar e o receber da dádiva parece ser um intervalo no qual tu te sacrificas e sofres com a perda. 7 Vês uma salvação eventual, não resultados imediatos.

T-26.VIII.3. A salvação é imediata. 2 A não ser que a percebas assim, terás medo da salvação, acreditando que o risco de perda é grande entre o momento em que o seu propósito passa a ser o teu e o momento em que os seus efeitos virão a ti. 3 Nessa forma, o erro que é a fonte do medo ainda está obscuro. 4 A salvação iria apagar o espaço que ainda vês entre vós e permitiria que viésseis a ser um instantaneamente. 5 E é aqui que temes que a perda possa estar. 6 Não projetes esse medo no tempo, pois o tempo não é o inimigo que percebes. 7 O tempo é tão neutro quanto o corpo, exceto em termos da função que vês para ele. 8 Se ainda queres manter um pequeno espaço entre tu e o teu irmão, então queres um pequeno intervalo no qual o perdão é negado por algum

tempo. 9 E isso só faz com que o intervalo entre o momento em que o perdão é negado a ti e o momento no qual ele é dado pareça perigoso, justificando o terror.

T-26.VIII.4. No entanto, o espaço entre tu e o teu irmão só é aparente no presente, *agora*, e não pode ser percebido no tempo futuro. 2 E também não pode deixar de ser visto, exceto dentro do presente. 3 O teu medo não é a perda futura. 4 Ao contrário, o que te aterroriza é a união presente. 5 Quem pode sentir desolação a não ser agora? 6 Uma causa futura ainda não tem efeitos. 7 E, portanto, se tens medo é preciso que exista uma causa presente. 8 E é isso o que necessita de correção, não um estado futuro.

T-26.VIII.5. Os planos, que fazes para ter segurança são colocados no futuro, onde não podes planejar. 2 Nenhum propósito foi ainda dado a ele e o que irá acontecer ainda não tem causa. 3 Quem pode prever efeitos sem uma causa? 4 E quem poderia temer efeitos a não ser que pense que já foram causados e os tenha julgado desastrosos agora? 5 A crença no pecado faz surgir o medo e ele, assim como a sua causa, olha para frente, olha para trás, mas não vê o que está aqui e agora. 6 No entanto, é só aqui e agora que a sua causa tem que estar, se seus efeitos já foram julgados amedrontadores. 7 E não vendo isso, ela fica protegida e separada da cura. 8 Pois um milagre é agora. 9 Ele já está aqui, em graça presente, dentro do único intervalo de tempo que o pecado e o medo não viram, mas que é tudo o que existe do tempo.

T-26.VIII.6. A realização de toda correção não toma tempo algum. 2 Entretanto, a aceitação disso pode parecer durar para sempre. 3 A mudança de propósito que o Espírito Santo trouxe para o teu relacionamento tem em si todos os efeitos que verás. 4 Eles podem ser contemplados agora. 5 Por que esperar até que se desdobrem no tempo e temer que possam não vir, embora já estejam aqui? 6 Foi dito a ti que todas as coisas que vêm de Deus trazem o bem. 7 E, no entanto parece que não é assim. 8 É difícil dar crédito antecipado ao bem que se apresenta de forma desastrosa. 9 Não há realmente sentido nessa idéia.

T-26.VIII.7. Por que deveria o bem aparecer em forma de mal? 2 E não é um engano, se aparece assim? 3 A sua causa está aqui, se ele se manifesta de qualquer maneira que seja. 4 Por que, então, não são aparentes os seus efeitos? 5 Por que no futuro? 6 E buscas te contentar com suspiros, ‘raciocinando’ que não compreendes isso agora, mas irás compreender algum dia. 7 E então o seu significado ficará claro. 8 Isso não é razão, pois é injusto e claramente sugere uma punição enquanto o momento da liberação não chega. 9 Dado que houve uma mudança de propósito para o bem, não há razão para um intervalo no qual um desastre se abate sobre ti, para ser um dia percebido como ‘bem’, mas agora em forma de dor. 10 Isso é um sacrifício do *agora*, que não pode ser o custo que o Espírito Santo cobraria pelo que Ele deu sem qualquer custo.

T-26.VIII.8. Entretanto, essa ilusão tem uma causa que, embora falsa, não pode deixar de já estar na tua mente. 2 E essa ilusão não é senão um efeito que ela engendra e uma forma na qual o seu resultado é percebido. 3 Esse intervalo no tempo, quando a punição é percebida como a forma na qual o ‘bem’ aparece, não é senão um aspecto do pequeno espaço que se interpõe entre vós, mas que ainda não foi perdoado.

T-26.VIII.9. Não te contentes com a felicidade futura. 2 Ela não tem significado e não é a recompensa justa para ti. 3 Pois tens uma causa para ter liberdade agora. 4 Que proveito tem a liberdade na forma de um prisioneiro? 5 Por que a liberação deve se disfarçar em morte? 6 O adiamento não faz sentido e o ‘raciocínio’, segundo o qual os efeitos de uma causa presente têm que ser adiados para um tempo futuro, simplesmente é uma negação do fato de que a conseqüência e a causa têm que vir juntas como uma só. 7 Não olhes para o tempo, mas para o pequeno espaço que ainda está entre vós, do qual ambos têm que ser libertados. 8 E não permitais que ele seja disfarçado em tempo e assim preservado porque sua forma mudou e o que ele é não pode ser reconhecido. 9 O propósito do Espírito Santo agora é o teu. 10 A Sua felicidade não deveria ser tua também?

T-26.IX. Pois Eles vieram

T-26.IX.1. Pensa em como tens que ser santo, já que a partir de ti a Voz que fala por Deus chama pelo teu irmão amorosamente, de tal modo que possas despertar nele a Voz que responde ao teu chamado! 2 E pensa em como ele tem que ser santo, quando nele dorme a tua própria salvação unida à sua liberdade! 3 Por mais que desejes que ele seja condenado, Deus está nele. 4 E nunca saberás que Deus também está em ti, enquanto atacares a casa que Ele escolheu e lutares contra o Seu anfitrião. 5 Considera-o com gentileza. 6 Olha com

olhos amorosos para aquele que carrega Cristo dentro de si, de modo que possas contemplar a sua glória e regozijar-te porque o Céu não está separado de ti.

T-26.IX.2. É muito pedir um pouco de confiança naquele que carrega Cristo para ti, para que possas ser perdoado por todos os teus pecados sem excluir nenhum que ainda queiras valorizar? 2 Não te esqueças de que uma sombra, mantida entre ti e o teu irmão obscurece a face de Cristo e a memória de Deus. 3 E tu Os trocarias por um antigo ódio? 4 A terra em que estás, é terra santa por causa Deles, Que estando nela contigo a abençoaram com a Sua inocência e Sua paz.

T-26.IX.3. O sangue do ódio se desvanece para deixar que a grama verde cresça outra vez e as flores sejam todas brancas e resplandecentes no sol de verão. 2 O que foi um lugar de morte agora veio a ser um templo vivo em um mundo de luz. 3 Por causa Deles. 4 É a Presença Deles que elevou a santidade para retomar o seu antigo lugar sobre um antigo trono. 5 Por causa Deles, milagres brotaram como grama e flores na terra árida que o ódio havia queimado e deixado desolada. 6 O que o ódio engendrou, Eles desfizeram. 7 E agora estás em uma terra tão santa que o Céu se inclina para unir-se a ela e fazer com que ela seja como ele próprio. 8 A sombra de um antigo ódio se foi e todas as pragas e toda a aridez deixaram para sempre a terra à qual Eles vieram.

T-26.IX.4. O que são cem ou mil anos para Eles, ou dezenas de milhares de anos? 2 Quando Eles vêm, o propósito do tempo está cumprido. 3 O que nunca existiu, some no nada quando Eles vêm. 4 O que o ódio reivindicava para si é entregue ao amor e a liberdade ilumina cada coisa viva elevando-a até o Céu, onde as luzes se tornam cada vez mais brilhantes à medida que cada uma retoma ao lar. 5 O incompleto se faz completo outra vez e a alegria do Céu foi aumentada porque o que lhe é próprio foi restituído a ele. 6 A terra ensangüentada está limpa e os insanos despiram-se de suas vestes de insanidade para unirem-se a Eles na terra onde tu estás.

T-26.IX.5. O Céu é grato por essa dádiva do que foi por tanto tempo negado. 2 Pois Eles vieram para reunir o que é Deles. 3 O que estava enclausurado, está aberto; o que era mantido à parte da luz é entregue para que a luz possa brilhar sobre tudo isso, sem deixar espaço ou distância alguma entre a luz do Céu e o mundo.

T-26.IX.6. O mais santo de todos os lugares da terra é aquele onde um antigo ódio veio a ser um amor presente. 2 E Eles vêm rapidamente para o templo vivo, onde um lar para Eles foi preparado. 3 Não há lugar mais santo no Céu. 4 E Eles vieram para habitar dentro do templo que Lhes foi oferecido, para que esse seja um lugar de descanso para Eles assim como para ti. 5 Aquilo que o ódio liberou para o amor vem a ser a luz mais brilhante na radiância do Céu. 6 E todas as luzes no Céu são mais brilhantes agora, em gratidão pelo que foi restaurado.

T-26.IX.7. Em torno de ti anjos pairam amorosamente para manter distantes todos os pensamentos escuros de pecado e manter a luz aonde ela penetrou. 2 As marcas dos teus passos iluminam o mundo, pois onde caminhas, o perdão vai alegremente contigo. 3 Ninguém na terra deixa de dar graças àquele que restaurou a sua casa e a abrigou do inverno amargo e do frio que congela. 4 E será que o Senhor do Céu e Seu Filho darão menos em gratidão por tanto mais?

T-26.IX.8. Agora, o templo do Deus vivo está reconstruído outra vez como anfitrião para Aquele por Quem foi criado. 2 Onde Ele habita, o Seu Filho habita com Ele, nunca separado. 3 E Eles dão graças porque afinal são bem-vindos. 4 Onde estava uma cruz, agora está o Cristo ressurgido e antigas cicatrizes são curadas pelo que Ele vê. 5 Um antigo milagre veio paraabençoar e para substituir uma antiga inimizade que tinha vindo para matar. 6 Em gentil gratidão a Deus, o Pai e o Filho retornam ao que é Deles e será para sempre. 7 Agora o propósito do Espírito Santo está consumado. 8 Pois Eles vieram! 9 Pois Eles vieram afinal!

T-26.X. O fim da injustiça

T-26.X.1. Nesse caso o que permanece ainda por ser desfeito para que reconheças a Presença Deles? 2 Apenas isso: tens uma perspectiva diferenciada quando pensas que o ataque é justificado, e quando pensas que ele não é justo e não deve ser permitido. 3 Quando o percebes como injusto, pensas que uma resposta raivosa agora é justa. 4 E assim vês o que é o mesmo como diferente. 5 A confusão não é limitada. 6 Se ela ocorre, seja como for, será total. 7 E a sua presença, em qualquer forma que seja, esconderá a Presença Deles. 8 Eles são conhecidos com clareza ou simplesmente não são. 9 A percepção confusa irá bloquear o conhecimento. 10 A

questão não é o tamanho da confusão ou quanto ela interfere. 11 A sua simples presença fecha a porta à Presença Deles e Os mantém desconhecidos.

T-26.X.2. O que significa perceber que o ataque em certas formas é injusto para contigo? 2 Significa que devem existir formas nas quais pensas que ele é justo. 3 Pois, de outro modo, como poderiam algumas ser avaliadas como injustas? 4 Portanto, dá significado a algumas e essas são percebidas como razoáveis. 5 E só algumas são vistas como sem significado. 6 E isso nega o fato de que todas são sem sentido, igualmente sem causa ou consequência e não podem ter efeitos de qualquer espécie. 7 A Presença Deles é obscurecida por qualquer véu que se interponha entre a brilhante inocência Deles e a tua consciência de que essa inocência é tua e pertence igualmente a todas as coisas vivas junto contigo. 8 Deus não limita. 9 E o que é limitado não pode ser o Céu. 10 Portanto, tem que ser o inferno.

T-26.X.3. A injustiça e o ataque são um único equívoco, tão firmemente unidos que onde um deles é percebido, o outro tem que ser visto. 2 Não podes ser tratado de forma injusta. 3 Se acreditas que és, isso é apenas uma outra forma da idéia segundo a qual és destituído por alguém que não é o teu próprio ser. 4 A projeção da causa do sacrifício está na raiz de todas as coisas que percebes como injustas para ti e não como as recompensas que te são devidas. 5 No entanto, tu pedes isso a ti mesmo, em profunda injustiça para com o Filho de Deus. 6 Não tens inimigos exceto tu mesmo e, de fato, és um inimigo para ele porque não o conheces como a ti mesmo. 7 O que poderia ser mais injusto do que ele ser destituído do que ele é, que o direito de ser ele mesmo lhe seja negado e que lhe seja pedido para sacrificar o amor do seu Pai e o teu, como se não lhe fossem devidos?

T-26.X.4. Que estejas atento para a tentação de perceberes a ti mesmo sendo tratado injustamente. 2 Nessa perspectiva, buscas achar uma inocência que não é Deles, mas apenas tua e ao custo da culpa de alguma outra pessoa. 3 É possível que a inocência seja comprada se deres a tua culpa a uma outra pessoa? 4 E é a inocência que o teu ataque a ela tenta obter? 5 Não é a punição pelo teu próprio ataque ao Filho de Deus que buscas? 6 Não é mais seguro acreditares que és inocente em relação a isso e estás sendo vitimado apesar da tua inocência? 7 Qualquer que seja a forma na qual é jogado o jogo da culpa, tem que haver perda. 8 Alguém tem que perder a própria inocência para que alguma outra pessoa possa tirá-la dele, fazendo com que seja sua.

T-26.X.5. Pensas que o teu irmão é injusto para contigo porque pensas que alguém tem que ser injusto para fazer com que o outro seja inocente. 2 E nesse jogo percebes o único propósito para todo o teu relacionamento. 3 E isso buscas acrescentar ao propósito que foi dado a ele. 4 O propósito do Espírito Santo é permitir que a Presença dos teus Hóspedes santos seja conhecida por ti. 5 E a esse propósito nada pode ser acrescentado, pois o mundo não tem nenhum propósito exceto esse. 6 Acrescentar ou retirar dessa única meta não é senão retirar todo o propósito do mundo e de ti mesmo. 7 E cada injustiça que o mundo aparentemente coloca sobre ti, tu colocaste sobre ele tornando-o sem propósito, sem a função que o Espírito Santo vê. 8 E a simples justiça foi assim negada a todas as coisas vivas sobre a terra.

T-26.X.6. O que essa injustiça faz a ti, que julgas injustamente e que vês de acordo com o teu julgamento, não és capaz de calcular. 2 O mundo torna-se obscuro e ameaçador e nenhum vestígio de todo o cintilar feliz que a salvação traz para iluminar o teu caminho tu és capaz de perceber. 3 E assim te vês privado de luz, abandonado no escuro, largado injustamente sem nenhum propósito em um mundo fútil. 4 O mundo é justo porque o Espírito Santo trouxe a injustiça para a luz interior e lá toda a injustiça foi sanada e substituída pela justiça e pelo amor. 5 Se percebes injustiça em qualquer lugar, só precisas dizer:

6 Através disso eu nego a Presença do Pai e do Filho.

7 E prefiro tomar conhecimento Deles do que ver a injustiça, que se desvanece diante da luz da Sua Presença.

Fim do Capítulo 26 – Página 605

Capítulo 27

A CURA DO SONHO

I. O retrato da crucificação

T-27.I.1. O desejo de seres tratado injustamente é uma tentativa de transigência que pretende combinar o ataque e a inocência. 2 Quem é capaz de combinar o que é totalmente incompatível e fazer uma unidade do que jamais pode ser unido? 3 Caminha ao longo do caminho da gentileza e não temerás mal nenhum, nem sombra alguma na noite. 4 Mas não coloques símbolos de terror no teu caminho ou tecerás uma coroa de espinhos da qual nem o teu irmão e nem tu escaparão. 5 Não podes crucificar a ti mesmo sozinho. 6 E se és tratado injustamente, ele necessariamente sofrerá a injustiça que tu vês. 7 Não podes te sacrificar sozinho. 8 Isso é assim porque o sacrifício é total. 9 Se isso pudesse ocorrer, carregarias contigo toda a criação de Deus, e o Pai com o sacrifício de Seu Filho amado.

T-27.I.2. Na tua liberação do sacrifício se manifesta a sua e mostra que ele está liberto. 2 Mas toda dor que sofres, vês como prova de que ele é culpado do ataque. 2 Assim, queres fazer de ti mesmo o sinal de que ele perdeu a sua inocência e só precisa olhar para ti para reconhecer que foi condenado. 3 E o que foi injusto para ti, virá a ele em forma de justiça. 4 A vingança injusta da qual agora sofres pertence a ele, e quando ela pousar sobre ele, tu te libertarás. 5 Não desejes fazer de ti mesmo um símbolo vivo da sua culpa, pois não escaparás à morte que fizeste para ele. 6 Mas, na sua inocência achas a tua.

T-27.I.3. Sempre que consentires em sofrer dor, ser destituído, ser injustamente tratado ou ter necessidade de alguma coisa que não tens, apenas acusas o teu irmão de estar atacando o Filho de Deus. 2 Seguras um retrato da tua crucificação diante dos seus olhos de tal modo que ele possa ver que os seus pecados estão escritos no Céu, com o teu sangue e a tua morte e vão à frente dele, fechando a porta e condenando-o ao inferno. 3 No entanto, isso está escrito no inferno e não no Céu, onde estás além do ataque e comprovas a sua inocência. 4 O retrato de ti mesmo que ofereces a ele, mostras a ti e conferes a esse retrato toda a tua fé. 5 O Espírito Santo te oferece um retrato de ti mesmo para dares a ele no qual não existe absolutamente nenhuma dor e nenhuma reprovação. 6 E o que era martirizado pela sua culpa vem a ser a testemunha perfeita da tua inocência.

T-27.I.4. O poder do testemunho vai além da crença porque traz a convicção como consequência. 2 O testemunho recebe crédito porque aponta para além de si mesmo, para o que ele representa. 3 Tu, doente e sofredor, representa apenas a culpa do teu irmão; o testemunho que envias para que não seja possível ele esquecer os males que te infligiu, dos quais juras que ele nunca escapará. 4 Esse retrato doente e triste tu aceitas, se apenas servir para puni-lo. 5 Os doentes não têm misericórdia para com ninguém e buscam matar por contágio. 6 A morte lhes parece um preço fácil a ser pago, se eles puderem dizer: “Contempla-me, irmão, em tuas mãos eu morro.” 7 Pois a doença é o testemunho da sua culpa e a morte quer provar que os seus erros não podem deixar de ser pecados. 8 A doença não é senão uma “pequena” morte, uma forma de vingança que ainda não é total. 9 No entanto, ela fala com certeza por aquilo que representa. 10 O retrato amargo e desolado que enviaste ao teu irmão, tu contemplaste com amargura. 11 E tudo o que ele mostrou ao teu irmão tu acreditaste, porque testemunhou a culpa nele que percebeste e amaste.

T-27.I.5. Agora, nas mãos que se fizeram gentis pelo Seu toque, Ele coloca um retrato diferente de ti. 2 É ainda o retrato de um corpo, pois o que realmente és não pode ser visto nem retratado. 3 Entretanto, esse não foi usado com o propósito de atacar e, portanto, nunca sofreu nenhuma dor. 4 Ele testemunha a verdade eterna de que não podes ser ferido e aponta para além de ti mesmo, para a tua inocência e a sua. 5 Mostra isso ao teu irmão, que verá que todas as cicatrizes estão curadas e todas as lágrimas foram enxugadas com riso e com amor. 6 E lá ele olhará para o seu próprio perdão e com olhos curados olhará além do perdão para a inocência que ele contempla em ti. 7 Aqui está a prova de que ele nunca pecou, de que nada do que a sua loucura pediu que ele fizesse jamais foi feito nem jamais teve efeitos de qualquer espécie. 8 Aqui está a prova de que nenhuma reprovação que ele tenha posto em seu próprio coração jamais foi justificada e nenhum ataque jamais pode atingi-lo com a seta envenenada e incansável do medo.

T-27.I.6. Testemunha a sua inocência e não a sua culpa. 2 A tua cura é o seu conforto e a sua saúde porque prova que as ilusões não são verdadeiras. 3 Não é a vontade de viver, mas o desejo da morte que é a motivação desse mundo. 4 Seu único propósito é provar que a culpa é real. 5 Nenhum pensamento, ato ou sentimento mundanos têm outra motivação que não seja essa. 6 Essas são as testemunhas que são chamadas a receber crédito e emprestar convicção ao sistema pelo qual falam e representam. 7 E cada uma tem muitas vozes, falando ao teu irmão e a ti em línguas diferentes. 8 E no entanto, a mensagem é a mesma para ambos. 9 Os adornos do corpo buscam mostrar como são belas as testemunhas da culpa. 10 As preocupações em torno do

corpo demonstram como é frágil e vulnerável a tua vida, como é facilmente destruído aquilo que amas. 11 A depressão fala da morte e a vaidade da preocupação real com o nada.

T-27.I.7. A mais forte testemunha da futilidade, que apaga todas as outras e as ajuda a pintar o retrato no qual o pecado é justificado, é a doença, qualquer que seja a sua forma. 2 Os doentes têm razão para cada um de seus desejos não-naturais e suas estranhas necessidades. 3 Pois quem seria capaz de viver uma vida que é tão cedo cortada e não apreciar o valor das alegrias passageiras? 4 Que prazeres poderiam existir que fossem duradouros? 5 Não têm os frágeis o direito de acreditar que cada migalha roubada de prazer é o pagamento justo pelas suas pequenas vidas? 6 A sua morte irá pagar o preço de todos os prazeres, usufruam eles desses benefícios ou não. 7 O fim da vida necessariamente vem, não importa de que modo se gaste essa vida. 8 E assim, tira prazer daquilo que rapidamente passa e é efêmero.

T-27.I.8. Esses não são pecados, mas testemunhas da estranha crença segundo a qual o pecado e a morte são reais, e a inocência e o pecado terminarão assim como eles no fim que é o túmulo. 2 Se isso fosse verdadeiro, haveria razão para ficares contente buscando alegrias passageiras e apreciando pequenos prazeres enquanto podes. 3 Entretanto, nesse retrato, o corpo não é percebido como neutro e sem uma meta inerente a si mesmo. 4 Pois ele vem a ser o símbolo da reprovação, o sinal da culpa cujas conseqüências ainda estão presentes para serem vistas de forma que a causa nunca possa ser negada.

T-27.I.9. A tua função é mostrar ao teu irmão que o pecado não pode ter nenhuma causa. 2 Como deve ser fútil ver a ti mesmo como um retrato da prova de que o que é a tua função nunca pode ser! 3 O retrato do Espírito Santo não muda o corpo fazendo com que ele seja algo que não é. 4 Ele apenas retira do corpo todos os sinais de acusação e de culpabilidade. 5 Retratado como algo sem propósito, ele não é visto nem como doente nem saudável, nem bom nem mau. 6 Não se oferece bases para que ele seja julgado de forma alguma. 7 Ele não tem vida, mas também não está morto. 8 Situa-se à parte de toda a experiência de amor e de medo. 9 Por enquanto, ele ainda nada testemunha, estando o seu propósito em aberto e a mente mais uma vez livre para escolher para que ele serve. 10 Agora, ele não está condenado, mas aguarda que um propósito lhe seja dado para que possa cumprir a função que irá receber.

T-27.I.10. Nesse espaço vazio, do qual foi removida a meta do pecado, o Céu está livre para ser lembrado. 2 Aqui, a paz celestial pode vir e a cura perfeita pode tomar o lugar da morte. 3 O corpo pode vir a ser um sinal de vida, uma promessa de redenção e um sopro de imortalidade para aqueles que ficaram doentes por respirar o odor fétido da morte. 4 Permite que ele tenha a cura como seu propósito. 5 Então, ele enviará adiante a mensagem que recebeu e através de sua saúde e beleza, proclamará a verdade e o valor que representa. 6 Permite que ele receba o poder de representar uma vida sem fim, para sempre inatacada. 7 E para o teu irmão, permite que a mensagem do corpo seja: “Contempla-me, irmão, em tuas mãos eu vivo”.

T-27.I.11. O modo simples para deixar que isso seja realizado é apenas esse: não permitir que o corpo tenha nenhum propósito vindo do passado, quando tinhas certeza de saber que o seu propósito era estimular a culpa. 2 Pois isso afirma com insistência que o teu retrato aleijado seja um sinal duradouro daquilo que ele representa. 3 Isso não deixa espaço no qual uma perspectiva diferente, um outro propósito possa ser dado a ele. 4 *Não* sabes qual é o propósito do corpo. 5 Tu apenas deste ilusões de propósito a uma coisa que fizeste com o intuito de esconder a tua função de ti mesmo. 6 Essa coisa sem um propósito não pode ocultar a função que o Espírito Santo te deu. 7 Permite, então, que o propósito do corpo e a tua função sejam ambos afinal reconciliados e vistos como um só.

T-27.II. O medo da cura

T-27.II.1. A cura é assustadora? 2 Para muitos, sim. 3 Pois a acusação é uma barreira ao amor e corpos feridos são acusadores. 4 Eles bloqueiam firmemente o caminho da confiança e da paz, proclamando que os frágeis não podem ter confiança e que os feridos não têm bases para a paz. 5 Quem pode ter sido machucado pelo próprio irmão e ainda assim amá-lo e confiar nele? 6 Ele atacou e vai atacar outra vez. 7 Não o protejas, porque o teu próprio corpo ferido mostra que *tu* tens que ser protegido contra o teu irmão. 8 Perdoar pode ser um ato de caridade, mas que ele não merece. 9 Ele pode ser digno de pena pela sua culpa, mas não pode ser absolvido. 10 E se tu lhe perdoas as suas ofensas, apenas adicionas à culpa que ele realmente já obteve para si mesmo.

T-27.II.2. Os não curados não podem perdoar. 2 Pois são as testemunhas de que o perdão é injusto. 3 Eles querem reter as conseqüências da culpa que não vêm. 4 Entretanto, ninguém é capaz de perdoar um pecado que acredita ser real. 5 E o que tem conseqüências tem que ser real, pois o que ele fez está lá para ser visto. 6 O perdão não é piedade, já que a piedade apenas busca perdoar aquilo que pensa ser a verdade. 7 O bem não pode ser dado em troca do mal, pois o perdão não estabelece o pecado em primeiro lugar para depois perdoá-lo. 8 Quem pode realmente dizer com real intenção: “Meu irmão, tu me machucaste, no entanto, porque sou o melhor dentre nós dois, eu te perdôo pelo meu ferimento”. 9 O seu perdão e o teu ferimento não podem coexistir. 10 Um nega o outro e não pode deixar de fazer com que o outro seja falso.

T-27.II.3. Testemunhar o pecado e ao mesmo tempo perdoá-lo é um paradoxo que a razão não pode ver. 2 Pois ela afirma que o que foi feito a ti não merece perdão. 3 E ao dares o perdão, concedes misericórdia ao teu irmão, mas reténs a prova de que ele não é realmente inocente. 4 Os doentes permanecem acusadores. 5 Eles não são capazes de perdoar os seus irmãos e a si mesmos também. 6 Pois ninguém em quem repousa o perdão verdadeiro pode sofrer. 7 Ele não mantém a prova do pecado diante dos olhos do seu irmão. 8 Deste modo, ele também não a viu e removeu-a dos seus próprios olhos. 9 O perdão não pode existir para um e não para o outro. 10 Quem perdoa está curado. 11 E na sua cura está a prova de que ele verdadeiramente perdoou e não retém nenhum vestígio de condenação que ainda mantenha contra si mesmo ou qualquer coisa viva.

T-27.II.4. O perdão não é real a não ser que traga cura para ti e para o teu irmão. 2 Tens que atestar que os seus pecados não têm efeito sobre ti para demonstrar que não são reais. 3 De que outra maneira poderia ele estar isento de culpa? 4 E como poderia a sua inocência ser justificada a não ser que os seus pecados não tenham nenhum efeito que autorize a culpa? 5 Pecados estão além do perdão simplesmente porque acarretariam efeitos que não podem ser desfeitos e ignorados inteiramente. 6 Em seu desfazer está a prova de que são meros erros. 7 Permite que tu sejas curado para que possas perdoar, oferecendo a salvação ao teu irmão e a ti mesmo.

T-27.II.5. Um corpo quebrado demonstra que a mente não foi curada. 2 Um milagre de cura prova que a separação está sem efeito. 3 O que queres provar a ele, tu acreditarás. 4 O poder do testemunho vem da tua crença. 5 E todas as coisas que dizes, fazes ou pensas apenas testemunham o que tu lhe ensinas. 6 O teu corpo pode ser um meio de ensinar que o corpo nunca sofreu dor alguma por sua causa. 7 E na cura do corpo podes oferecer um testemunho mudo da sua inocência. 8 É esse testemunho que pode falar com poder maior do que mil línguas. 9 Pois aqui, ele tem a prova do próprio perdão a si mesmo.

T-27.II.6. Um milagre não pode oferecer a ele nada menos do que deu a ti. 2 Assim a tua cura mostra que a tua mente está curada e perdoaste o que ele não fez. 3 E assim ele se convence de que a sua inocência nunca foi perdida e é curado junto contigo. 4 Deste modo, o milagre desfaz todas as coisas que o mundo atesta que nunca podem ser desfeitas. 5 E a desesperança e a morte têm que desaparecer diante do antigo chamado da vida que é feito por clarins. Esse chamado tem um poder muito maior do que o grito fraco e miserável da morte e da culpa. 6 O antigo chamado do Pai ao Seu Filho e do Filho ao que é dele, ainda será a última trombeta que o mundo jamais ouvirá. 7 Irmão, a morte não existe. 8 E isso aprendes quando apenas desejas mostrar ao teu irmão que não foste ferido por ele. 9 Ele pensa que o teu sangue está nas suas próprias mãos e assim está condenado. 10 Entretanto, é dado a ti mostrar-lhe, através da tua cura, que a sua culpa não é senão a base de um sonho sem sentido.

T-27.II.7. Como são justos os milagres! 2 Pois eles concedem uma dádiva igual, a plena liberação da culpa, ao teu irmão e a ti. 3 A tua cura salva-o da dor assim como a ti e tu és curado porque desejaste o seu bem. 4 Essa é a lei que o milagre obedece: a cura não vê especialismo algum. 5 Ela não vem da piedade, mas do amor. 6 E o amor quer provar que todo o sofrimento não passa de vã imaginação, um desejo tolo sem efeitos. 7 A tua saúde é o resultado do teu desejo de ver o teu irmão sem qualquer mancha de sangue sobre as suas mãos e sem culpa sobre o seu coração que se faz pesado com a prova do pecado. 8 E o que desejas te é dado ver.

T-27.II.8. O “custo” da tua serenidade é a sua. 2 Esse é o “preço” que o Espírito Santo e o mundo interpretam de maneiras diferentes. 3 O mundo o percebe como uma afirmação do “fato” de que a tua salvação sacrifica a sua. 3 O Espírito Santo sabe que a tua cura é o testemunho da sua e não pode de forma alguma estar à parte da cura do teu irmão. 4 Enquanto ele consentir em sofrer, não será curado. 5 No entanto, podes mostrar-lhe que o seu sofrimento não tem propósito e não tem absolutamente causa nenhuma. 6 Mostra-lhe a tua cura e ele não

mais consentirá em sofrer. 7 Pois a sua inocência foi estabelecida diante dos teus olhos e dos seus. 8 E o riso substituirá os teus suspiros, porque o Filho de Deus lembrou-se que ele é Filho de Deus.

T-27.II.9. Quem, então, tem medo da cura? 2 Só aqueles que vêem o sacrifício e a dor do irmão como se representassem a própria serenidade de cada um deles. 3 A impotência e a fraqueza que sentem representam as bases sobre as quais justificam a dor que ele sofre. 4 A constante pontada de culpa que ele sofre serve para provar que ele é escravo, mas que eles são livres. 5 A dor constante que sofrem demonstra que são livres porque o mantêm preso. 6 E a doença é desejada para impedir uma alteração na balança do sacrifício. 7 Como poderia o Espírito Santo deter-se, ainda que por um instante ou menos, para raciocinar em torno de tal argumento a favor da doença? 8 E é necessário que a tua cura seja adiada porque fizeste uma pausa para escutar a insanidade?

T-27.II.10. A correção não é a tua função. 2 Ela pertence Àquele que conhece a justiça e não a culpa. 3 Se tu assumes o papel de corrigir, perdes a função de perdoar. 4 Ninguém pode perdoar até compreender que a correção consiste em apenas perdoar, nunca em acusar. 5 Sozinho não podes ver que são a mesma coisa e, portanto, a correção não vem de ti. 6 A identidade e a função são a mesma coisa, e através da tua função conheces a ti mesmo. 7 E assim, se confundes a tua função com a função de um Outro, não podes deixar de estar confuso com relação a ti mesmo e à tua identidade. 8 O que é a separação senão um desejo de tomar a função de Deus e negar que pertença a Ele? 9 No entanto, se não é a Sua também não é a tua, pois não podes deixar de perder o que tomas de outros.

T-27.II.11. Em uma mente partida, a identidade não pode deixar de parecer dividida. 2 E ninguém pode perceber uma função unificada que tenha propósitos conflitantes e finalidades diferentes. 3 Corrigir, para uma mente tão partida, tem que ser um meio de punir os pecados que pensas serem teus em uma outra pessoa. 4 E assim, ele vem a ser a tua vítima, não o teu irmão, diferente de ti por ser mais culpado, assim necessitando que tu o corrijas por seres mais inocente do que ele. 5 Isso separa a sua função da tua, e dá a ambos um papel diferente. 6 E assim não podem ser percebidos como um só, e com uma única função que significaria uma identidade compartilhada com apenas uma finalidade.

T-27.II.12. A correção que tu farias não pode senão separar, porque essa é a função que lhe é dada por ti. 2 Quando perceberes que a correção é a mesma coisa que o perdão, então também saberás que a mente do Espírito Santo e a tua são uma só. 3 E assim a tua própria identidade é encontrada. 4 Todavia, Ele tem que trabalhar com o que Lhe é dado, e tu Lhe concedes apenas metade da tua mente. 5 Assim sendo, Ele representa a outra metade, e parece ter uma função diferente daquela que aprecias e pensas ser a tua. 6 É assim que a tua função parece dividida, com uma metade em oposição à outra. 7 E essas duas metades parecem representar um corte dentro de um ser que é percebido como se fossem dois.

T-27.II.13. Reflete sobre o fato de que essa percepção do ser não pode deixar de estender-se e não deixes de ver que todo pensamento se estende porque esse é o seu propósito, sendo o que ele é realmente. 2 A partir de uma idéia do ser como se fossem dois, necessariamente vem uma perspectiva de função dividida entre os dois. 3 E o que tu queres corrigir é apenas metade do erro que imaginas ser o erro todo. 4 Os pecados do teu irmão vêm a ser o alvo central da correção, para que os teus erros e os seus não sejam vistos como um só. 5 Os teus são enganos, mas os seus são pecados e não são, portanto, a mesma coisa que os teus. 6 Os seus merecem punição, enquanto os teus, com toda justiça, não deveriam nem sequer ser vistos.

T-27.II.14. Nessa interpretação da correção, os teus próprios equívocos tu nem mesmo verás. 2 O foco da correção foi colocado fora de ti, sobre alguém que não pode ser parte de ti enquanto durar essa percepção. 3 O que é condenado nunca pode retornar ao seu acusador, que o odiou e ainda o odeia como símbolo do seu medo. 4 Isso é o teu irmão, o foco do teu ódio, indigno de ser parte de ti e, portanto, fora de ti, a outra metade que é negada. 5 E todo o teu ser é percebido como se fosse só o que existe sem a sua presença. 6 Para essa metade remanescente o Espírito Santo tem que representar a outra metade, até que reconheças que ela é a outra metade. 7 E isso Ele faz dando a ti e a ele uma função que é uma, não diferente.

T-27.II.15. A correção é a função dada a ambos, mas a nenhum dos dois sozinho. 2 E quando ela é desempenhada como uma função compartilhada, não pode deixar de corrigir equívocos em ti e também nele. 3 Não pode deixar equívocos em um deles, que fica sem ser curado, e libertar o outro. 4 Isso é um propósito

dividido que não pode ser compartilhado e, portanto, não pode ser a meta na qual o Espírito Santo vê a Sua própria. 5 E podes descansar na segurança de que Ele não vai cumprir uma função que não vê e não reconhece como Sua. 6 Pois é só assim que Ele pode preservar a tua intacta, apesar de tu e Ele terem perspectivas diferentes a respeito de qual é a tua função. 7 Se ele apoiasse uma função dividida, estarias, de fato, perdido. 8 A incapacidade do Espírito Santo de ver a Sua meta dividida e distinta para ti e para ele, te preserva da conscientização de uma função que não é a tua. 9 E assim a cura é dada a ti e a ele.

T-27.II.16. A correção tem que ser deixada Àquele Que sabe que a correção e o perdão são a mesma coisa. 2 Com metade de uma mente isso não é compreensível. 3 Deixa, então, a correção para a Mente que está unida, funcionando como uma só, pois não está dividida quanto ao próprio propósito e concebe uma função única como sendo a sua única função. 4 Aqui a função dada a ela é concebida como aquela que lhe pertence e não está à parte da função que o seu Doador ainda mantém precisamente porque foi compartilhada. 5 Na aceitação do Espírito Santo dessa função está o meio através do qual a tua mente é unificada. 6 O Seu propósito único unifica as metades de ti mesmo, que percebes como separadas. 7 E cada uma perdoa a outra, para que cada um possa aceitar sua outra metade como parte de si.

T-27.III. Além de todos os símbolos

T-27.III.1. O poder não pode se opor. 2 Pois a oposição o enfraqueceria e poder enfraquecido é uma contradição de idéias. 3 Força fraca não significa nada e o poder usado para enfraquecer é empregado para limitar. 4 E, por conseguinte, ele tem que ser limitado e fraco, porque esse é o seu propósito. 5 Para que o poder seja ele mesmo não pode haver oposição. 6 Nenhuma fraqueza pode se introduzir nele sem mudá-lo, fazendo com que seja algo que não é. 7 Enfraquecer é limitar e impor um oposto que contradiz o conceito que ataca. 8 E com isso junta à idéia alguma coisa que ela não é e faz com que ela seja ininteligível. 9 Quem pode compreender um conceito duplo, tal como “poder enfraquecido” ou “amor odioso”?

T-27.III.2. Decidiste que o teu irmão um símbolo de um “amor odioso”, de um “poder enfraquecido” e, acima de tudo, de uma “morte viva”. 2 E assim ele não tem nenhum significado para ti, pois representa o que não tem significado. 3 Ele representa um pensamento duplo no qual metade é cancelada pela metade remanescente. 4 Apesar disso, a metade que foi cancelada imediatamente contradiz a outra, de modo que ambas desaparecem. 5 E agora ele representa o nada. 6 Símbolos que não representam nada além de idéias inexistentes, necessariamente representam o espaço vazio e o nada. 7 Porém, o nada e o espaço vazio não podem constituir interferência. 8 O que pode interferir com a consciência da realidade é a crença em que haja alguma coisa lá.

T-27.III.3. O retrato que vês do teu irmão não significa nada. 2 Não há nada a atacar ou a negar; a amar ou a odiar, nada a que se possa atribuir poder e nada a ser visto como frágil. 3 O retrato foi completamente cancelado, porque simbolizava uma contradição que cancelou o pensamento que ele representava. 4 E assim o retrato não tem qualquer causa. 5 Quem é capaz de perceber qualquer efeito sem uma causa? 6 O que pode ser aquilo que não tem causa senão o nada? 7 O retrato que vês do teu irmão é totalmente ausente e nunca existiu. 8 Permite, então, que o espaço vazio que ele ocupa seja reconhecido como vago, e que o tempo dedicado a ver esse retrato seja percebido como desperdiçado, um tempo desocupado.

T-27.III.4. Um espaço vazio que não é visto como cheio, um intervalo de tempo sem uso, que não é visto como gasto e plenamente ocupado, vêm a ser um convite silencioso para que a verdade entre e faça um lar para si mesma. 2 Não é possível fazer nenhuma preparação que possa acentuar o apelo real do convite. 3 Porque o que deixas vazio, Deus o preencherá e a verdade não pode deixar de habitar onde Ele está. 4 Poder não-enfraquecido, sem oposto, é o que é a criação. 5 Para isso não existem símbolos. 6 Nada aponta para além da verdade, pois o que pode representar mais do que tudo? 7 No entanto, o verdadeiro desfazer tem que ser benigno. 8 E assim a primeira substituição do teu retrato é outro retrato de outro tipo.

T-27.III.5. Como o nada não pode ser retratado, do mesmo modo não há nenhum símbolo para a totalidade. 2 A realidade é conhecida, em última instância, sem forma, sem retrato e sem ser vista. 3 O perdão ainda não é um poder reconhecido como algo totalmente livre de limites. 4 No entanto, ele não estabelece nenhum dos limites que escolheste impor. 5 O perdão é o meio através do qual a verdade é temporariamente representada. 6 Ele permite que o Espírito Santo faça com que a troca dos retratos seja possível até o momento em que os recursos nada significam e o aprendizado está realizado. 7 Nenhum recurso de aprendizado tem nenhuma utilidade que

possa se estender além da meta do aprendizado. 8 Quando o seu objetivo é alcançado, ele deixa de ter qualquer função. 9 Entretanto, no intervalo do aprendizado, ele tem uma utilidade da qual agora tens medo, mas que ainda amarás.

T-27.III.6. O retrato do teu irmão, que te é dado para ocupar o espaço tão tardiamente desocupado e vago, não necessitará de qualquer espécie de defesa. 2 Pois tu lhe darás preferência preponderante. 3 E também não demorarás nem um instante para decidir que ele é o único que queres. 4 Ele não representa conceitos duplos. 5 Embora seja apenas metade do retrato e incompleto, em si, ele é o mesmo e não está dividido. 6 A outra metade do que representa permanece desconhecida, mas não é anulada. 7 E assim Deus fica livre para dar Ele próprio o passo final. 8 Para isso não necessitas de retratos e nem de qualquer recurso para aprenderes. 9 E aquilo que, em última instância, tomará o lugar de todos os recursos de aprendizado simplesmente *será*.

T-27.III.7. O perdão desaparece e os símbolos se apagam e nada do que os olhos jamais viram ou os ouvidos jamais ouviram permanece para ser percebido. 2 Um Poder totalmente sem limites veio, não para destruir, mas para receber o que Lhe pertence. 3 Não existe em parte alguma escolha de função. 4 A escolha que tens medo de perder, tu nunca tiveste. 5 Entretanto, apenas isso parece interferir com o poder ilimitado e com os pensamentos unificados, completos e felizes, sem opostos. 6 Não conheces a paz do poder que não se opõe a nada. 7 No entanto, simplesmente não pode haver nenhum outro. 8 Dá boas-vindas ao Poder que está além do perdão e além do mundo dos símbolos e das limitações. 9 Ele quer meramente ser e assim meramente é.

T-27.IV. A resposta silenciosa

T-27.IV.1. Em quietude todas as coisas são respondidas e todos os problemas serenamente resolvidos. 2 Em conflito, não pode haver resposta nem resolução, pois o propósito do conflito é fazer com que a solução não seja possível e assegurar que nenhuma resposta seja simples. 3 Um problema estabelecido no conflito não tem resposta, pois é visto de formas diferentes. 4 E o que seria uma resposta de um ponto de vista, não é uma resposta em uma luz diferente. 5 Tu estás em conflito. 6 Assim, tem que ficar claro que não podes responder a coisa alguma, pois o conflito não tem efeitos limitados. 7 Entretanto, se Deus deu uma resposta, necessariamente existe um caminho no qual os teus problemas estão resolvidos, pois o que é Vontade de Deus já foi feito.

T-27.IV.2. Assim, o tempo não pode estar envolvido e cada problema pode ser respondido agora. 2 Entretanto, em teu estado mental, a solução tem que ser impossível. 3 Por conseguinte, Deus tem que ter te dado um caminho para alcançar um outro estado mental, no qual a resposta já esteja presente. 4 Tal é o instante santo. 5 É aqui que todos os teus problemas devem ser trazidos e deixados. 6 É aqui que devem estar, pois aqui está a resposta para eles. 7 E onde está a resposta, o problema não pode deixar de ser simples e facilmente resolvido. 8 Não tem sentido tentar resolver um problema onde a resposta não pode estar. 9 Entretanto, com a mesma certeza, ele não pode deixar de ser resolvido se for trazido para onde a resposta se encontra.

T-27.IV.3. Não tentes solucionar nenhum problema a não ser na segurança do instante santo. 2 Pois lá o problema será respondido e resolvido. 3 Fora não haverá solução, pois lá não existe nenhuma resposta que possa ser achada. 4 Em nenhum outro lugar jamais se pergunta uma questão única e simples. 5 O mundo só pode perguntar uma questão dupla. 6 Uma questão com muitas respostas não pode ter resposta. 7 Nenhuma delas será satisfatória. 8 O mundo não coloca uma pergunta para que ela seja respondida, mas apenas para reafirmar seu ponto de vista.

T-27.IV.4. Todas as questões que são colocadas dentro desse mundo não passam de uma maneira de olhar, não são perguntas. 2 Uma questão colocada com ódio não pode ser respondida, porque é uma resposta em si mesma. 3 Uma pergunta dupla pergunta e responde, ambas atestando a mesma coisa em formas diferentes. 4 O mundo não coloca senão uma questão. 5 Ela é a seguinte: “Dessas ilusões, qual é verdadeira? 6 Quais delas estabelecem a paz e oferecem alegria? 7 E quais podem trazer um modo de escapar de toda a dor da qual é feito esse mundo?” 8 Seja qual for a forma que tome a questão, o seu propósito é o mesmo. 9 Ele pergunta apenas para estabelecer o pecado como algo real e responde na forma de preferências. 10 “Que pecado preferes? 11 Esse é o que deverias escolher. 12 Os outros não são verdadeiros. O que pode o corpo conseguir que queiras mais do que tudo? 13 Ele é teu criado e também teu amigo. 14 Basta dizer a ele o que queres e ele irá servir-te amorosamente e bem.” 15 E isso não é uma pergunta, pois te diz o que queres e aonde ir para consegui-lo.

16 Não deixa espaço para que suas crenças sejam questionadas, exceto pelo fato de afirmar algo em forma de pergunta.

T-27.IV.5. Uma pseudo-questão não tem resposta. 2 Ela dita a resposta enquanto pergunta. 3 Assim, todo o questionamento dentro do mundo é uma forma de propaganda dele mesmo. 4 Da mesma maneira que as testemunhas do corpo não são senão os sentidos dentro dele, também assim as respostas para as perguntas do mundo estão contidas dentro das perguntas que são feitas. 5 Onde as respostas representam as perguntas, elas não acrescentam nada de novo e nada se aprende. 6 Uma questão honesta é um instrumento de aprendizado que pergunta alguma coisa que não sabes. 7 Não estabelece condições para a resposta, mas apenas pergunta qual deveria ser a resposta. 8 Mas, ninguém em estado de conflito está livre para colocar essa questão, pois ele não quer uma resposta honesta em que o conflito termine.

T-27.IV.6. Só dentro do instante santo é possível que uma questão honesta seja honestamente colocada. 2 E do significado da questão vem a significação da resposta. 3 Aqui é possível separar os teus desejos da resposta, de tal forma que ela possa te ser dada e também ser recebida. 4 A resposta é dada em todos os lugares. 5 No entanto, é só aqui que ela pode ser ouvida. 6 Uma resposta honesta não exige sacrifício porque responde a questões verdadeiramente colocadas. 7 As questões do mundo apenas perguntam de quem se exige o sacrifício, sem perguntar se o sacrifício tem qualquer significado. 8 E desse modo, a não ser que a resposta “diga de quem”, ela permanecerá irreconhecível, inaudível, e assim a pergunta é preservada de forma intacta porque deu a resposta a si mesma. 8 O instante santo é o intervalo no qual a mente está suficientemente silenciosa para ouvir uma resposta, que não está atrelada à questão colocada. 9 Ele oferece algo novo e diferente da questão. 10 Como poderia a questão ser respondida, se ela apenas se repete?

T-27.IV.7. Portanto, não tentes solucionar nenhum problema em um mundo no qual a resposta foi barrada. 2 Em vez disso, traze o problema ao único lugar que guarda a resposta amorosamente para ti. 3 Aqui estão as respostas que irão solucionar os teus problemas, porque estão à parte deles e vêem o que pode ser respondido, o que é a pergunta. 4 Dentro do mundo, as respostas simplesmente levantam uma outra questão, embora deixem a primeira sem resposta. 5 No Instante santo, podes trazer a pergunta até à resposta e receber a resposta que foi feita para ti.

T-27.V. O exemplo da cura

T-27.V.1. A única maneira de curar é ser curado. 2 O milagre estende-se sem a tua ajuda, mas tu és necessário para que ele possa ter início. 3 Aceita o milagre da cura e ele irá adiante devido ao que é. 4 A sua natureza é estender-se no instante em que nasce. 5 E ele nasce no instante em que é oferecido e recebido. 6 Ninguém pode pedir ao outro para ser curado. 7 Mas pode deixar-se curar e assim oferecer ao outro o que recebeu. 8 Quem pode conceder a outro o que não tem? 9 E quem pode compartilhar aquilo que nega a si mesmo? 10 O Espírito Santo fala a *ti*. 11 Ele não fala a uma outra pessoa. 12 Entretanto, através da tua escuta, a Sua Voz se estende porque aceitaste o que Ele diz.

T-27.V.2. A saúde é o testemunho para a saúde. 2 Enquanto ela não for atestada, permanece sem convicção. 3 Só está provada quando tiver sido demonstrada e tem que prover uma testemunha que possa compelir à crença. 4 Ninguém é curado através de mensagens duplas. 5 Se desejas apenas ser curado, tu curas. 6 O teu propósito único faz com que isso seja possível. 7 Mas se tens medo da cura, então ela não pode vir através de ti. 8 A única coisa que se requer para a cura é a ausência do medo. 9 Os que têm medo não são curados e não podem curar. 10 Isso não significa que o conflito tem que ter desaparecido para sempre da tua mente para que sejas capaz de curar, pois se significasse, nesse caso não haveria necessidade de cura. 11 Mas significa, ainda que por apenas um instante, que amas sem atacar. 12 Um instante é suficiente. 13 Os milagres não esperam pelo tempo.

T-27.V.3. O instante santo é o local onde o milagre habita. 2 De lá, cada um nasce para esse mundo como testemunha de um estado mental que transcendeu o conflito e alcançou a paz. 3 Ele traz conforto deste lugar de paz para o campo de batalha e demonstra que a guerra não tem efeitos. 4 Pois todo o ferimento que a guerra buscou trazer, os corpos quebrados e os membros despedaçados, os moribundos gritando e os mortos silenciosos, são gentilmente erguidos e consolados.

T-27.V.4. Não há tristeza aonde um milagre veio para curar. 2 E nada além de um único instante do teu amor sem ataque é necessário para que tudo isso ocorra. 3 Nesse instante és curado, e nesse instante único toda a cura é feita. 4 O que fica à parte de ti quando aceitas a bênção que o instante santo traz? 5 Não temas a bênção, pois Aquele Que te abençoa, ama o mundo todo e nada deixa no mundo que possa ser temido. 6 Mas, se, foges à bênção, o mundo de fato parecerá amedrontador, pois lhe recusaste a paz e o conforto, permitindo que ele morresse.

T-27.V.5. Um mundo assim tão amargamente destituído não seria olhado como uma condenação por aquele que poderia tê-lo salvo, mas retrocedeu porque tinha medo de ser curado? 2 Os olhos de todos os moribundos expressam reprovação e o sofrimento sussurra, “O que há para ser temido?” 3 Considera bem essa questão. 4 Ela te é feita a teu favor. 5 Um mundo às portas da morte apenas te pede que descanses um instante do ataque a ti mesmo para que ele seja curado.

T-27.V.6. Que venhas para o instante santo e sejas curado, pois nada do que é recebido nele é deixado para trás no teu retorno ao mundo. 2 E sendo abençoado, trarás bênção. 3 A vida te é dada para que a dês ao mundo que está à morte. 4 E olhos sofredores não mais acusarão, mas brilharão em agradecimentos a ti, que deste a bênção. 5 A radiância do instante santo iluminará os teus olhos e lhes dará um modo de ver além de todo o sofrimento e, no lugar do sofrimento, tu verás a face de Cristo. 6 A cura substitui o sofrimento. 7 Quem olha para um não é capaz de perceber o outro, pois ambos não podem estar presentes. 8 E o que vês, o mundo testemunhará e testemunhará a favor.

T-27.V.7. Assim, a tua cura é tudo o que o mundo requer para que ele possa ser curado. 2 Ele necessita de uma lição que tenha sido perfeitamente aprendida. 3 E então, quando a esqueceres, o mundo gentilmente irá lembrar-te o que ensinaste. 4 A sua gratidão não recusará nenhum apoio a ti, que te deixaste curar para que ele pudesse viver. 5 Ele chamará as suas testemunhas para mostrar a face de Cristo a ti que lhes trouxeste a vista, através da qual elas a testemunharam. 6 O mundo da acusação é substituído por um mundo no qual todos os olhos contemplam amorosamente o Amigo que lhes trouxe a liberação. 7 E alegremente o teu irmão perceberá os muitos amigos que pensava serem inimigos.

T-27.V.8. Os problemas não são específicos, mas tomam formas específicas e essas aparências específicas constituem o mundo. 2 E ninguém compreende a natureza do próprio problema. 3 Se compreendesse, o problema não mais estaria presente para que ele o visse. 4 A própria natureza do problema implica em que ele não existe. 5 E assim, embora as pessoas o percebam, não podem percebê-lo como é. 6 Mas a cura é evidente em instâncias específicas e é generalizada para incluir todas as instâncias. 7 Isso se dá porque elas são a mesma, apesar de suas formas diferentes. 8 Todo aprendizado visa a transferência, que se torna completa em duas situações que são vistas como uma só, pois apenas os elementos comuns estão presentes. 9 Entretanto, isso só pode ser atingido por Aquele Que não vê as diferenças que tu vês. 10 A transferência total do teu aprendizado não é feita por ti. 11 Mas o fato de ter sido feita, apesar de todas as diferenças que vês, te convence de que não poderiam ser reais.

T-27.V.9. A tua cura vai estender-se e vai ser trazida a problemas que pensavas que não eram teus. 2 E também vai ficar evidente que os teus muitos problemas diferentes serão resolvidos quando tiveres escapado de qualquer um deles. 3 Não foram as suas diferenças que tornaram isso possível, pois o aprendizado não pula de algumas situações para os seus opostos trazendo os mesmos resultados. 4 Toda cura tem que proceder de maneira legal, de acordo com leis que tenham sido adequadamente percebidas, mas nunca violadas. 5 Não tenhas medo do modo como as percebes. 6 Estás errado, mas existe dentro de ti Alguém Que está certo.

T-27.V.10. Deixa, então, a transferência do teu aprendizado Àquele Que realmente compreende as leis do aprendizado e irá garantir que elas permaneçam invioladas e ilimitadas. 2 A tua parte é apenas aplicar o que Ele te ensinou a ti mesmo e Ele fará o resto. 3 E é assim que o poder do teu aprendizado será provado a ti por todas as muitas testemunhas diferentes que ele encontra. 4 Em primeiro lugar, o teu irmão será visto entre elas, mas milhares estarão por trás dele, e por trás de cada um deles, outros mil. 5 Cada um pode aparentar ter um problema que é diferente do resto. 6 No entanto, eles são solucionados juntos. 7 E a resposta comum dada a eles mostra que as questões não poderiam estar separadas.

T-27.V.11. A paz esteja contigo, a quem é oferecida a cura. 2 E aprenderás que a paz te é dada quando aceitas a cura para ti mesmo. 3 Seu valor total não precisa ser avaliado por ti para que compreendas que te beneficiaste com ela. 4 Aquilo que ocorreu no instante em que o amor entrou sem ataque, ficará contigo para sempre. 5 A tua cura será um dos seus efeitos, assim como a do teu irmão. 6 Aonde quer que fores, contemplarás os seus efeitos multiplicados. 7 Entretanto, todas as testemunhas que contemplos serão bem menos do que as que realmente existem. 8 A infinidade não pode ser compreendida simplesmente pela contagem de suas partes separadas. 9 Deus te agradece pela tua cura, pois Ele sabe que ela é uma dádiva de amor ao Seu Filho e, portanto, essa dádiva é dada a Ele.

T-27.VI. As testemunhas do pecado

T-27.VI.1. A dor demonstra que o corpo tem que ser real. 2 É uma voz alta, que obscurece as coisas, cujos gritos silenciam o que o Espírito Santo diz e mantém as Suas palavras fora da tua consciência. 3 A dor exige atenção, afastando-a Dele e focalizando-a em si própria. 4 O seu propósito é o mesmo que o do prazer, pois ambos são meios de fazer com que o corpo seja real. 5 O que compartilha um propósito comum é o mesmo. 6 Essa é a lei do propósito que une todos aqueles que a compartilham em si mesma. 7 O prazer e a dor são igualmente irrealis porque o seu propósito não pode ser conseguido. 8 Assim são meios para o nada, pois têm uma meta sem um significado. 9 E compartilham a falta de significado do propósito que têm.

T-27.VI.2. O pecado se desloca da dor para o prazer e de novo para a dor. 2 Pois cada um testemunha a mesma coisa e carrega sempre uma única mensagem: “Tu estás aqui dentro desse corpo e podes ser ferido. 3 Podes ter prazer também, mas somente ao custo da dor.” 4 A essas testemunhas se juntam muitas outras. 5 Cada uma parece ser diferente porque tem um nome diferente e assim parece responder a um som diferente. 6 Exceto nisso, as testemunhas do pecado são todas iguais. 7 Chama o prazer de dor e ele doerá. 8 Chama a dor de prazer e a dor por trás do prazer já não será mais sentida. 9 As testemunhas do pecado simplesmente mudam de nome para nome, à medida que uma dá um passo à frente e a outra um passo atrás. 10 Entretanto, não faz nenhuma diferença qual delas está na frente. 11 As testemunhas do pecado ouvem apenas o chamado da morte.

T-27.VI.3. Esse corpo, sem propósito em si mesmo, guarda todas as tuas memórias e, todas as tuas esperanças. 2 Usas os seus olhos para ver, os seus ouvidos para ouvir e deixas que ele te diga o que é que ele sente. 3 Ele não sabe. 4 Ele apenas te diz os nomes que tu lhe deste para usar, quando invocas as testemunhas da sua realidade. 5 Não podes escolher quais são reais entre elas, pois qualquer uma que escolhas é como as outras. 6 Escolhes esse ou aquele nome, mas nada mais. 7 Não fazes com que uma testemunha seja verdadeira pelo fato de chamá-la pelo nome da verdade. 8 A verdade é achada nessa testemunha se ela der testemunho da verdade. 9 E de outro modo ela mente, mesmo que tu a chames pelo Santo Nome do próprio Deus.

T-27.VI.4. A Testemunha de Deus não vê testemunhos contra o corpo. 2 Ela também não dá ouvidos às testemunhas com outros nomes, que falam da realidade do corpo de maneiras diferentes. 3 Ela sabe que ele não é real. 4 Pois nada poderia conter aquilo que acreditas que está guardado dentro dele. 5 Nem poderia ele dizer a uma parte do próprio Deus o que deveria sentir e qual é a sua função. 6 No entanto, Ela tem que amar qualquer coisa que tu valorizes. 7 E para cada testemunha da morte do corpo, Ela envia uma testemunha da tua vida Nela, Que não conhece a morte. 8 Cada milagre que Ela traz é um testemunho de que o corpo não é real. 9 Suas dores e seus prazeres Ela cura da mesma forma, pois as Suas testemunhas substituem todas as testemunhas do pecado.

T-27.VI.5. O milagre não faz distinções entre os nomes pelos quais são chamadas as testemunhas do pecado. 2 Ele apenas prova que aquilo que elas representam não tem efeitos. 3 E isso ele prova porque seus próprios efeitos vieram tomar o lugar daqueles. 4 Não importa o nome pelo qual chamas o teu sofrimento. 5 Ele já não está mais presente. 6 Aquele Que traz o milagre percebe-os todos como um só e chama-os pelo nome do medo. 7 Como o medo dá testemunho da morte, assim o milagre dá testemunho da vida. 8 É um testemunho que ninguém pode negar, pois consiste dos efeitos de vida que traz. 9 Os moribundos vivem, os mortos ressuscitam e a dor sumiu. 10 Entretanto, um milagre não fala só por si, mas pelo que representa.

T-27.VI.6. O amor também tem símbolos em um mundo feito de pecado. 2 O milagre perdoa porque representa o que está depois do perdão e é verdadeiro. 3 Como é tolo e insano pensar que um milagre está preso a leis que ele veio só para desfazer! 4 As leis do pecado têm diferentes testemunhas com forças diferentes. 5 E elas

atestam sofrimentos diferentes. 6 Entretanto, para Aquele Que envia os milagres para abençoar o mundo, uma diminuta punhalada de dor, um pequeno prazer mundano ou as angústias da própria morte têm um único som: um chamado para a cura e um grito de lamento pedindo ajuda dentro de um mundo de miséria. 7 O milagre atesta a natureza dessas coisas que é a mesma. 8 É a sua mesmice que ele prova. 9 As leis que as chamam de diferentes são dissolvidas e reveladas como impotentes. 10 O propósito de um milagre é realizar isso. 11 E o próprio Deus garantiu a força dos milagres em favor daquilo que testemunham.

T-27.VI.7. Que tu sejas então uma testemunha do milagre e não das leis do pecado. 2 Não há necessidade de sofreres mais. 3 Mas *há* necessidade de que sejas curado, porque o sofrimento e a tristeza do mundo fizeram com que o mundo fosse surdo à salvação e à libertação.

T-27.VI.8. A ressurreição do mundo aguarda a tua cura e a tua felicidade, para que possas demonstrar a cura do mundo. 2 O instante santo substituirá todo o pecado, se tu apenas carregares contigo os seus efeitos. 3 E ninguém escolherá sofrer mais. 4 A que função melhor do que essa poderias servir? 5 Sê curado para que possas curar, e não sofras permitindo que as leis do pecado sejam aplicadas a ti. 6 E a verdade será revelada a ti que escolheste deixar que os símbolos do amor tomem o lugar do pecado.

T-27.VII. O sonhador do sonho

T-27.VII.1. O sofrimento é uma ênfase colocada em tudo aquilo que o mundo fez para te machucar. 2 Aqui está claramente exposta a versão demente que o mundo tem do que seja a salvação. 3 Como um sonho de punição, no qual o sonhador está inconsciente do que lhe trouxe o ataque a si mesmo, ele se vê atacado injustamente e por algo que não é ele próprio. 4 Ele é a vítima dessa “alguma outra coisa”, uma coisa fora de si mesmo, pela qual ele não tem nenhuma razão para ser responsabilizado. 5 Ele tem que ser inocente porque não sabe o que faz, mas apenas o que lhe é feito. 6 Ainda assim, o seu ataque a si próprio continua evidente, pois é ele que carrega o sofrimento. 7 E não pode escapar porque a fonte do sofrimento é vista fora dele.

T-27.VII.2. Agora está sendo mostrado a ti que podes escapar. 2 Tudo o que é necessário é olhares para o problema assim como é, e não do modo como o tinhas colocado. 3 Como poderia existir uma outra forma de se resolver um problema que é muito simples, mas foi obscurecido por escuras nuvens de complicação feitas para manter o problema sem solução? 4 Sem as nuvens, o problema emergirá em toda a sua simplicidade primitiva. 5 A escolha não será difícil, porque o problema é absurdo quando visto com clareza. 6 Ninguém tem dificuldade de tomar uma decisão para permitir que um problema simples seja resolvido, se esse problema é visto como algo que está ferindo-o e é muito fácil de ser removido.

T-27.VII.3. O “raciocínio” pelo qual esse mundo é feito, no qual se baseia e pelo qual ele é mantido é simplesmente o seguinte: “Tu és a causa do que eu faço. 2 A tua presença justifica a minha cólera e tu existes e pensas à margem de mim. 3 Enquanto atacas, eu tenho que ser inocente. 4 E aquilo de que eu sofro é o teu ataque.” 5 Ninguém que olhe para esse raciocínio exatamente como é pode deixar de verificar que ele não procede e não faz sentido. 6 Apesar disso, parece razoável, porque parece que o mundo está te ferindo. 7 E assim, aparentemente, não há necessidade de ires além do óbvio em termos de causa.

T-27.VII.4. De fato, essa necessidade existe. 2 A necessidade de que o mundo escape da condenação é uma necessidade que aqueles que aqui habitam estão unidos para compartilhar. 3 No entanto, eles não reconhecem a sua necessidade comum. 4 Pois cada um pensa que se fizer a sua parte, a condenação do mundo cairá sobre ele. 5 E é isso que percebe como se fosse a sua parte na libertação do mundo. 6 A vingança tem que ter um foco. 7 De outro modo, a faca do vingador ficará em sua própria mão e apontada para ele mesmo. 8 E ele precisa vê-la na mão de um outro para poder ser a vítima de um ataque que não escolheu. 9 E assim sofre com os ferimentos feitos por uma faca que um outro segura, mas não ele mesmo.

T-27.VII.5. Esse é o propósito do mundo que ele vê. 2 E encarado dessa maneira, o mundo provê os meios através dos quais esse propósito parece ser cumprido. 3 Os meios atestam o propósito, mas não são eles próprios uma causa. 4 Tampouco a causa vai mudar, se for vista à parte de seus efeitos. 5 A causa produz os efeitos, que então testemunham a causa e não a si mesmos. 6 Olha, portanto, para o que está além dos efeitos. 7 Não é aqui que a causa do sofrimento e do pecado têm que estar. 8 E não pares no sofrimento e no pecado, pois não passam de reflexos daquilo que os causa.

T-27.VII.6. A parte que desempenhas em resgatar o mundo da condenação é o teu próprio escape. 2 Não te esqueças de que as testemunhas do mundo do mal não podem falar, exceto por aquilo que tenha visto uma necessidade de mal no mundo. 3 E foi aí que a tua culpa pela primeira vez foi contemplada. 4 Na separação do teu irmão teve início o primeiro ataque a ti mesmo. 5 E é a isso que o mundo dá testemunho. 6 Não busques outra causa, nem procures desfazê-la entre as poderosas legiões de testemunhas mundanas. 7 Elas apóiam a sua reivindicação da tua fidelidade. 8 Naquilo que esconde a verdade não é onde deves procurar *achar* a verdade.

T-27.VII.7. As testemunhas do pecado estão todas dentro de um pequeno espaço. 2 E é aqui que achas a causa da tua perspectiva no mundo. 3 Houve um tempo no qual não tinhas consciência do que era na realidade a causa de tudo o que o mundo parecia lançar sobre ti, sem o teu convite e sem a tua solicitação. 4 De uma coisa estavas certo: entre as muitas causas que percebias como portadoras do dor e de sofrimento para ti, a tua culpa não constava. 5 E tampouco os tinhas requisitado para ti mesmo. 6 Foi assim que todas as ilusões vieram. 7 Aquele que as faz não se vê fazendo-as, e a realidade delas não depende dele. 8 Qualquer que seja a causa que tenham, é algo bastante à parte dele e o que ele vê está separado da sua própria mente. 9 Ele não pode duvidar da realidade de seus sonhos, porque não vê a parte que desempenha em fazê-los e em fazê-los parecerem reais.

T-27.VII.8. Ninguém pode acordar de um sonho que o mundo está sonhando por ele. 2 Ele vem a ser uma parte do sonho de alguma outra pessoa. 3 Não pode escolher despertar de um sonho que não fez. 4 Ele fica impotente, uma vítima de um sonho concebido e alimentado, por uma mente separada. 5 De fato, essa mente não se importa com ele, e está tão pouco preocupada com a sua paz e a sua felicidade quanto o tempo ou a hora do dia poderiam estar. 6 Ela não o ama, mas o coloca à sua vontade em qualquer papel que satisfaça ao seu sonho. 7 Tão pequeno é o valor que lhe é dado, que ele não passa de uma sombra que dança, pulando para cima e para baixo de acordo com um roteiro sem sentido, concebido dentro do sonhar vão do mundo.

T-27.VII.9. Esse é o único retrato que és capaz de ver, a única alternativa que podes escolher, a outra possibilidade de causa, se tu não fores o sonhador dos teus sonhos. 2 E isso é o que escolhes se negas que a causa do sofrimento está em tua mente. 3 Fica contente por ela de fato estar aí, pois assim és a única pessoa que pode decidir o teu destino no tempo. 4 A escolha é tua, entre uma morte de sono e sonhos maus ou um despertar feliz e a alegria da vida.

T-27.VII.10. Entre o que poderias escolher senão entre a vida ou a morte, o despertar ou o dormir, a paz ou a guerra, os teus sonhos ou a tua realidade? 2 Existe um risco de pensares que a morte é paz, porque o mundo equipara o corpo ao Ser Que Deus criou. 3 No entanto, uma coisa nunca pode ser o seu oposto. 4 E a morte é o oposto da paz, porque é o oposto da vida. 5 E a vida é paz. 6 Desperta e esquece todos os pensamentos de morte, e descobrirás que tens a paz de Deus. 7 Entretanto, se a escolha realmente te é dada, então tens que ver as causas das coisas que escolheste exatamente como são e onde se encontram.

T-27.VII.11. Que escolhas se pode fazer entre dois estados, se apenas um é claramente reconhecível? 2 Quem poderia estar livre para escolher entre efeitos, quando ele vê apenas um como algo que depende dele? 3 Uma escolha honesta jamais poderia ser percebida como uma escolha na qual a opção está dividida entre um tu diminuto e um mundo enorme, com sonhos diferentes acerca da verdade em ti. 4 A brecha entre a realidade e os sonhos não está entre o sonhar do mundo e o que sonhas em segredo. 5 Essas coisas são uma só. 6 O sonhar do mundo não é senão uma parte do teu próprio sonho que deste para os outros, e viste como se fosse o início e o fim do teu. 7 No entanto, o sonhar do mundo teve início com o teu sonho secreto, que não percebes, embora ele tenha causado a parte que vês e não duvidas que seja real. 8 Como poderias duvidar enquanto estás deitado dormindo e sonhas em segredo que a sua causa é real?

T-27.VII.12. Um irmão separado de ti, um antigo inimigo, um assassino que te assalta no meio da noite e planeja a tua morte, no entanto, a planeja de forma lenta, demorada – é com isso que sonhas. 2 Entretanto, por trás desse sonho há ainda outro, no qual passas a ser o assassino, o inimigo secreto, o vingador e o destruidor do teu irmão e do mundo da mesma forma. 3 Aqui está a causa do sofrimento, o espaço entre os teus pequenos sonhos e a tua realidade. 4 A pequena brecha que nem sequer vês, o lugar onde nascem as ilusões e o medo, o momento do terror e do antigo ódio, o instante do desastre, tudo isso está aqui. 5 Aqui está a causa da irrealidade. 6 E é aqui que ela será desfeita.

T-27.VII.13. Tu és o sonhador do mundo dos sonhos. 2 Ele não tem outra causa nem nunca terá. 3 Nada mais amedrontador do que um sonho vão aterrorizou o Filho de Deus e o fez pensar que ele perdeu a sua inocência, negou o seu Pai e fez uma guerra contra si mesmo. 4 Tão amedrontador é o sonho, tão aparentemente real, que ele não poderia despertar para a realidade sem o suor do terror e um grito de medo mortal, a não ser que um sonho mais gentil precedesse o seu despertar e permitisse que a sua mente mais calma desse boas-vindas à Voz Que chama com amor para que ele desperte ao invés de temê-la; um sonho mais gentil, no qual o seu sofrimento foi curado e seu irmão veio a ser seu amigo. 5 A Vontade de Deus é que ele desperte gentilmente e com alegria e deu-lhe o meio para despertar sem medo.

T-27.VII.14. Aceita o sonho que Ele deu em lugar do teu. 2 Não é difícil mudar um sonho uma vez que o sonhador já tenha sido reconhecido. 3 Descansa no Espírito Santo e deixa que os Seus sonhos gentis tomem o lugar daqueles que sonhaste no terror e no medo da morte. 4 Ele traz sonhos que perdoam, nos quais a escolha não é entre quem é o assassino e quem será a vítima. 5 Nos sonhos que Ele traz não existe assassinio e não há morte. 6 O sonho da culpa está se apagando da tua vista, embora os teus olhos estejam fechados. 6 Um sorriso veio para iluminar a tua face adormecida. 7 O sono agora é de paz, pois estes são sonhos felizes.

T-27.VII.15. Sonha suavemente com o teu irmão sem pecado, que se une a ti em santa inocência. 2 E desse sonho o próprio Senhor do Céu despertará o Seu Filho amado. 3 Sonha com a benignidade do teu irmão, em vez de habitares nos seus equívocos em teus sonhos. 4 Selecciona a atenção cuidadosa que ele te presta como matéria dos teus sonhos, ao invés de contares os ferimentos que ele provocou. 5 Perdoa-lhe as suas ilusões e agradece-lhe por toda a ajuda que prestou. 6 E não deixes de lado as muitas dádivas que ele te deu, porque ele não é perfeito em teus sonhos. 7 Ele representa o seu Pai, que tu vês como Aquele Que te oferece ambas, vida e morte.

T-27.VII.16. Irmão, Ele dá só a vida. 2 Entretanto, o que vês como as dádivas que o teu irmão te oferece representa as dádivas que sonhas que o teu Pai te dá. 3 Permite que todas as dádivas do teu irmão, oferecidas a ti, sejam vistas à luz da caridade e da benignidade. 4 E não deixes dor alguma perturbar o teu sonho de profunda apreciação pelas suas dádivas a ti.

T-27.VIII. O “herói” do sonho

T-27.VIII.1. O corpo é a figura central no sonhar do mundo. 2 Não há sonho sem ele e nem ele existe sem o sonho no qual age como se fosse uma pessoa que se vê e na qual se acredita. 3 Ele ocupa o lugar central em todos os sonhos, que contam a história de como ele foi feito por outros corpos, nasceu para o mundo do lado de fora, vive um pouco e depois morre para ser unido, no pó, a outros corpos que morrem como ele. 4 No pequeno espaço de tempo que lhe é dado viver, ele busca outros corpos para serem seus amigos e seus inimigos. 5 A sua segurança é a sua preocupação principal. 6 Seu conforto é a regra que o guia. 7 Ele procura buscar prazer e evitar as coisas que poderiam feri-lo. 8 Acima de tudo, procura ensinar a si mesmo que as suas dores e alegrias são diferentes e que pode distinguir umas das outras.

T-27.VIII.2. O sonhar do mundo toma muitas formas porque o corpo busca de muitos modos provar que é autônomo e real. 2 Ele coloca sobre si mesmo coisas que comprou com pequenos discos de metal e tiras de papel que o mundo proclama como valiosas e reais. 3 Trabalha para consegui-las, fazendo coisas sem sentido, e as joga fora em troca de coisas sem sentido das quais ele não precisa e nem mesmo quer. 4 Ele emprega outros corpos de modo que eles o protejam e coleciona ainda mais coisas sem sentido que possa chamar de suas. 5 Ele olha em volta procurando corpos especiais que possam compartilhar seu sonho. 6 Às vezes, sonha que é um conquistador de corpos mais fracos do que ele. 7 Mas em algumas fases do sonho, ele é o escravo de outros corpos que querem feri-lo e torturá-lo.

T-27.VIII.3. A série de aventuras do corpo, da hora do nascimento até à morte, é o tema de todos os sonhos que o mundo já teve. 2 O “herói” desse sonho nunca vai mudar e nem o seu propósito. 3 Embora o sonho propriamente dito tome muitas formas e pareça mostrar uma grande variedade de locais e de eventos em que seu “herói” se encontra, o sonho tem apenas um propósito, ensinado de muitas formas. 4 Essa única lição é o que ele tenta ensinar uma e outra vez e ainda mais uma vez: que ele é causa e não efeito. 5 E tu és o seu efeito e não podes ser a sua causa.

T-27.VIII.4. Assim tu não és o sonhador, mas o sonho. 2 E assim vagas em vão, entras e saís de lugares e acontecimentos que ele inventa. 3 Que isso é tudo o que o corpo faz é verdade, pois ele não é senão uma figura em um sonho. 4 Mas quem reage às figuras em um sonho a não ser que as veja como reais? 5 No instante em que ele as vê como são, elas não mais têm efeito sobre ele, porque compreende que foi ele que lhes deu os seus efeitos pelo fato de as causar e fazer com que parecessem reais.

T-27.VIII.5. Quanto estás disposto a escapar dos efeitos de todos os sonhos que o mundo alguma dia teve? 2 É teu desejo que nenhum sonho apareça como a causa daquilo que fazes? 3 Então, vamos simplesmente olhar para o início do sonho, pois a parte que tu vês não é senão a segunda parte, cuja causa está na primeira. 4 Ninguém que esteja dormindo e sonhando no mundo se lembra de seu ataque a si mesmo. 5 Ninguém acredita que houve, de fato, um tempo em que ele nada conhecia de um corpo e nunca poderia ter concebido esse mundo como algo real. 6 Ele imediatamente teria visto que essas idéias são uma única ilusão, ridículas demais para qualquer coisa exceto o riso que as despede. 7 Como elas parecem sérias agora! 8 E ninguém é capaz de se lembrar do tempo em que teriam sido recebidas com riso e descrença. 9 Podemos nos lembrar disso, se apenas olharmos diretamente para o que a causou. 10 Então veremos justificativas para o riso, e não uma causa para o medo.

T-27.VIII.6. Vamos devolver ao sonhador o sonho que ele deu aos outros, percebendo-o como algo separado de si mesmo e feito para ele. 2 Na eternidade, onde tudo é um, introduziu-se uma idéia diminuta e louca, da qual o Filho de Deus não se lembrou de rir. 3 Em seu esquecimento, esse pensamento passou a ser uma idéia séria, capaz de ser realizada e de ter efeitos reais. 4 Juntos, nós podemos rir dessas duas coisas, fazendo-as desaparecer e podemos compreender que o tempo não pode invadir a eternidade. 5 É uma piada pensar que o tempo pode vir a lograr a eternidade, que *significa* que o tempo não existe.

T-27.VIII.7. Uma intemporalidade na qual o tempo torna-se real, uma parte de Deus que pode atacar a si mesma, um irmão separado como inimigo, uma mente dentro de um corpo, são todas formas circulares cujo fim tem início no seu começo, terminando na sua causa. 2 O mundo que vês retrata exatamente o que pensaste que fizeste. 3 Exceto que agora pensas que o que fizeste, está sendo feito a ti. 4 A culpa pelo que pensaste está sendo colocada fora de ti e sobre um mundo culpado que sonha os teus sonhos e pensa os teus pensamentos em teu lugar. 5 Ele traz a sua vingança, não a tua. 6 Ele te mantém estreitamente confinado dentro de um corpo, que ele pune devido a todas as coisas pecaminosas que o corpo faz dentro do sonho do mundo. 7 Tu não tens poder para fazer com que o corpo pare com seus feitos maus, porque não o fizeste e não és capaz de controlar as suas ações, nem o seu propósito, nem o seu destino.

T-27.VIII.8. O mundo nada faz senão demonstrar uma antiga verdade: acreditarás que os outros fazem a ti exatamente o que pensas que fizeste a eles. 2 Mas, uma vez que tiveres embarcado na delusão de os culpar, não verás a causa do que fazem, porque queres que a culpa caia sobre eles. 3 Como é infantil o petulante mecanismo de manter a tua inocência empurrando a culpa para fora de ti, sem jamais deixar que ela se vá! 4 Não é fácil perceber a brincadeira quando, em tudo a tua volta, os teus olhos contemplam as pesadas conseqüências da culpa, mas sem as suas causas insignificantes. 5 Sem a causa, os efeitos parecem sérios e tristes, de fato. 6 Mas são apenas decorrências. 7 E é a sua causa que não decorre de nada, e não passa de uma brincadeira.

T-27.VIII.9. O Espírito Santo percebe a causa rindo gentilmente e não olha os efeitos. 2 De que outra maneira poderia ele corrigir o teu erro, já que absolutamente não olhaste para a causa? 3 Ele pede que tu lhe tragas cada efeito terrível para que possam olhar juntos para a sua causa tola e possas rir um pouco com Ele. 4 Tu julgas os efeitos, mas Ele julgou a causa. 5 E através do julgamento do Espírito Santo os efeitos são removidos. 6 Talvez venhas em lágrimas. 7 Mas ouve-O dizer: “Meu irmão, Filho santo de Deus, contempla o teu sonho vão, no qual isso poderia ocorrer.” 8 E deixarás o instante santo com o teu riso e o do teu irmão unidos ao Seu.

T-27.VIII.10. O segredo da salvação é apenas esse: tu estás fazendo isso a ti mesmo. 2 Seja qual for a forma do ataque, isso ainda é verdadeiro. 3 Seja quem for que se coloque no papel do inimigo e do agressor, isso ainda é a verdade. 4 Seja o que for que pareça ser a causa de qualquer dor ou sofrimento que sintas, isso ainda é verdadeiro. 5 Pois não reagirias de forma alguma a figuras de um sonho que soubesses que estavas sonhando. 6 Que elas sejam tão odientas e más quanto puderem, não poderiam ter nenhum efeito sobre ti, a não ser que tenhas fracassado em reconhecer que esse é o teu sonho.

T-27.VIII.11. Essa única lição aprendida te libertará do sofrimento, qualquer que seja a forma que ele tome. 2 O Espírito Santo repetirá essa única lição abrangente de libertação até que ela tenha sido aprendida, independentemente da forma do sofrimento que te traz dor. 3 Seja qual for o ferimento que tragas a Ele, Ele fará uma resposta com essa verdade muito simples. 4 Pois essa única resposta elimina a causa de qualquer forma de pesar e dor. 5 A forma não afeta em nada a Sua resposta, pois Ele quer te ensinar apenas a causa única de todas as formas, não importa quais sejam. 6 E compreenderás que os milagres refletem a simples declaração: “*Eu mesmo fiz isso e é isso que quero desfazer.*”

T-27.VIII.12. Traz, então, todas as formas de sofrimento a Ele Que sabe que cada uma é como todo o resto. 2 Ele não vê diferenças onde não existe nenhuma e te ensinará como cada uma é causada. 3 Nenhuma tem uma causa diferente de todo o resto e todas são facilmente desfeitas por apenas uma lição verdadeiramente aprendida. 4 A salvação é um segredo que só escondeste de ti mesmo. 5 O universo proclama que é assim. 6 No entanto, não prestas a menor atenção às testemunhas do universo. 7 Pois dão testemunho de algo que não queres saber. 8 Elas parecem manter isso em segredo, escondido de ti. 9 Entretanto, só precisas aprender que apenas escolheste não escutar, não ver.

T-27.VIII.13. Como perceberás o mundo de forma diferente quando isso for reconhecido! 2 Quando perdoares o mundo pela tua culpa, estarás livre dela. 3 A inocência do mundo não requer a tua culpa e nem a tua inculpabilidade se baseia nos seus pecados. 4 Isso é o óbvio: um segredo que não está oculto para ninguém, só para ti mesmo. 5 E é isso que tem te mantido separado do mundo e mantido o teu irmão separado de ti. 6 Agora, precisas apenas aprender que ambos são inocentes ou culpados. 7 A única coisa impossível é que um não seja como o outro, que as duas afirmações sejam verdadeiras. 8 Esse é o único segredo ainda a ser aprendido. 8 E o fato de estares curado não será nenhum segredo.

Fim do Capítulo 27 - Página 632